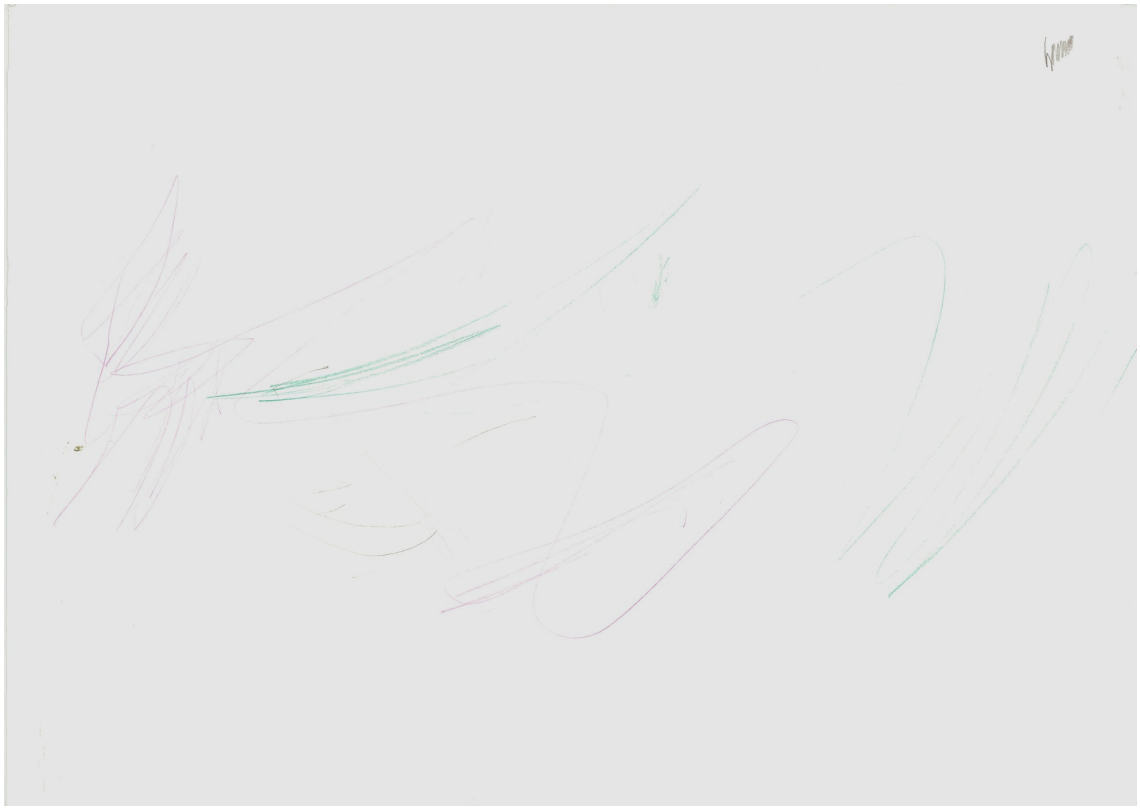
ANEXOS

Caso Clínico 1

Sessões de Psicoterapia

1ª Sessão – 25 de Janeiro de 2007

ANEXO 1



ANEXO 2

3ª Sessão – 8 de Fevereiro 2007

Fui chamar o J. à sala de espera. Encontrei-o sentado ao colo da educadora, tia F., quando me viu sorriu, volta-se e esconde a cara…fui ao seu encontro, comecei a falar com ele…sai do colo da educadora e pôs-se de pé a acariciar o tampo da cadeira. Varria o tampo da cadeira com as mãos, enquanto falava com ele. Digo-lhe: " O J. parece estar mais contente hoje… estás com vontade de brincar J? Queres vir com a Mónica até à nossa sala?" O J. não responde, continua a varrer o tampo da cadeira com as mãos, dando a impressão de que de alguma forma este comportamento apazigua a sua angústia inicial do encontro com o outro. Parece que é ainda muito difícil para o J. entrar comigo na sala, sugeri que tal como nas sessões anteriores a educadora poderia entrar connosco num primeiro momento, o que J. aceitou de imediato. No caminho, parecia mais seguro…entramos os dois na sala, a educadora não entrou connosco, mas J. não se mostrou angustiado. A sala tinha uma disposição diferente, tinha tapete e almofadas, era uma sala menor, por isso mais contentora. Penso que o J. se sentiu mais contido ali naquele espaço, o que se verificou pela forma como este aderiu rapidamente ao jogo.

P – “Então J. o que vamos fazer hoje?”

J – (Senta-se no tapete e começa a tirar os bonecos da caixa lúdica, posteriormente nomeia-os, mas desta vez é como se já os conhecesse, são personagens que vai integrando dentro dele e que simbolicamente também representam a vida emocional que se vai ali desenvolvendo). “E o gato?”

P – “ O gato está aqui…”

J – “ Ah! A casa do gato!..”

(Posteriormente, volta-se para os animais, agarra-os e descobre que se os apertar muito estes produzem sons…e repete a descoberta com prazer, enquanto olha para mim…)

P – “ O J. parece estar muito contente hoje…talvez por já sentir menos medo de estar aqui com a Mónica, porque começa a descobrir coisas novas…”

J – (Escolhe a vaca, e fica à espera de uma iniciativa minha…)

P – (Aproximo-me com o cavalo…). “ Olá senhora vaca…hoje parece mais animada…”

J – (Afasta a vaca…)

P – “ Senhora vaca, não se vá já embora…temos aqui uma ervinha tão fresca e tão boa para comer…não me quer fazer companhia?..” (Faço de conta que o cavalo está a comer…”Que bom!..”)

J – (Imita-me e faz de conta que a vaca está a comer também…depois afasta a vaca).

Sinto que quando lhe dou coisas boas, ele já as recebe, mas rapidamente se sente muito angustiado com a hipótese de as perder e tem necessidade de se afastar, pois prefere ser ele a abandonar a ser novamente abandonado.

P – (Incito-o a voltar…) “ Venha senhora vaca, venha, vamos dar um passeio pelo campo e descobrir coisas novas…”

J – (Aproxima-se um pouco a medo, faz a vaca caminhar ao lado do cavalo e olha para mim…entretanto na sala ouve-se o som de um avião a passar: “Olha um avião…” Olha para mim e faz um sorriso cúmplice…posteriormente aproxima a vaca dos outros animais e faz a vaca saltar em cima deles.)

P – “ A vaca parece estar zangada, porque será? Talvez tenha medo que os outros animais comam a erva toda e assim fica sem comida para ela…”

J – (Continua…e desta vez faz uma investida ao cavalo e salta-lhe em cima, dá-lhe marradinhas…)

P – “ Parece que a senhora vaca está mesmo zangada, mesmo com o cavalo que se mostrou amigo…se calhar a vaca tem medo e por isso ataca os outros animais, para se proteger…Oh! Senhora vaca, não tenha medo, nós somos amigos, somos dos bons…”

J – (Leva a vaca para junto dos outros animais…)

P – " A vaca parece estar mais contente, sente-se mais segura e conseguiu fazer novos amigos…"

J – " E o gato?..." (Procura o gato e coloca-o à janela…)

P – " O gato em casa sente-se protegido, mas também gosta de ver o que se passa lá fora… como o J. que começa a ter cada vez menos medo de descobrir coisas novas aqui com a Mónica…"

Também o J. no início se mostrou muito fechado para uma nova relação aqui comigo, no entanto, tem vindo a mostrar cada vez mais curiosidade e confiança. É como se estivesse constantemente à espreita para saber se pode ou não confiar em mim.

J – (Levanta-se e procura as folhas de papel…)

P – (Dou-lhe as folhas de papel…)

J – "Tira…" (Pede para retirar a tampa das plasticinas…repara nos desenhos das tampas…) " Um coelhinho e um gatinho…"

P – " Sim, podemos fazê-los em plasticina…"

J – " Abre…a verde, e a amarela do Nodi…"

P – (Dou-lhe as plasticinas…)

J – (Tenta moldar as plasticinas…não consegue e devolve-as…)

P – " Olha J." (Moldo as plasticinas, para que o J. aprenda a moldar…seguro-lhe nas mãos e moldamos os dois a plasticina…)

J – (Parece sentir-se desconfortável quando lhe seguro as mãos…)

P – "Ah! o J. quer fazer sozinho…"

J – (Começa a tentar moldar, mas desiste rapidamente, vai procurar os carros…) " O carro do Nodi…" (Fá-lo andar…desinveste nos carros e vai procurar a bola…) " Tem estrelinhas…do Nodi…"

P – " Podem ser do J. também… são as estrelinhas amigas que protegem o J…a Mónica também pode proteger o J. dos seus medos…"

J – (Olha para mim e sorri…)

<u>Comentários:</u>

Parece que o J. vai aceitando melhor aqueles nossos encontros, e começa a tentar comunicar o que sente ali comigo…Parece existir dentro dele um sentimento de ambivalência que está balizado entre um desejo de estar ali comigo que o leva muitas vezes a investir aqueles

encontros e uma outra, mais frágil que o leva a afastar, bem como a descarregar alguma agressividade, para saber se eu estou preparada para a receber, e se sobrevivo, se sou um bom continente-conteúdo.

4ª Sessão – 15 de Fevereiro 2007

Fui chamar o J. à sala de espera, ele estava sentado ao lado da educadora F.

Perguntei-lhe se queria ir comigo para a sala, acenou que sim, com a cabeça, e olhou para a tia F. Ficou parado a olhar para o chão…depois olhou para mim, dei-lhe a mão. Ficou à espera que a tia F. se levantasse e seguisse connosco, ela levantou-se e seguiu connosco até à entrada do corredor, o J. olhou para trás e perguntou onde estava a tia F., respondi-lhe que ela estaria lá fora na sala de espera, que esperaria por nós, até terminarmos. Seguimos os dois para a sala…

Já na sala…

J – (Olha para a caixa…)

P – " J. o que vamos fazer hoje?"

J – (Agarrou nas folhas de papel e nos lápis…)

P – " Queres pintar J?"

J – (Acena que sim com a cabeça…e tira os lápis da caixa…depois já com a caixa dos lápis vazia, explora a caixa e encaixa um lápis mais largo e diz: "Um tupa…" E simula um chupa…que me oferece…)

P – " Estás a oferecer-me um chupa? Obrigado. Já me dás coisas boas…também sentes que aqui te estou a dar coisas boas…"

J – (Sorri, e começa a fazer uns rabiscos…[1])

[1] Anexo 3.

ANEXO 3

O J. parece estar a começar a reconhecer o valor daqueles nossos encontros e sente que ali recebe coisas boas. Parece estar a aceitar estes nossos encontros, e começa a tentar comunicar como se sente ali comigo…No entanto parece existir uma parte do J. que se quer aproximar mais, e uma outra que tem muito medo de o fazer…

P – " O que me estás a querer dizer J.?"

J – (Dá-me o lápis…)

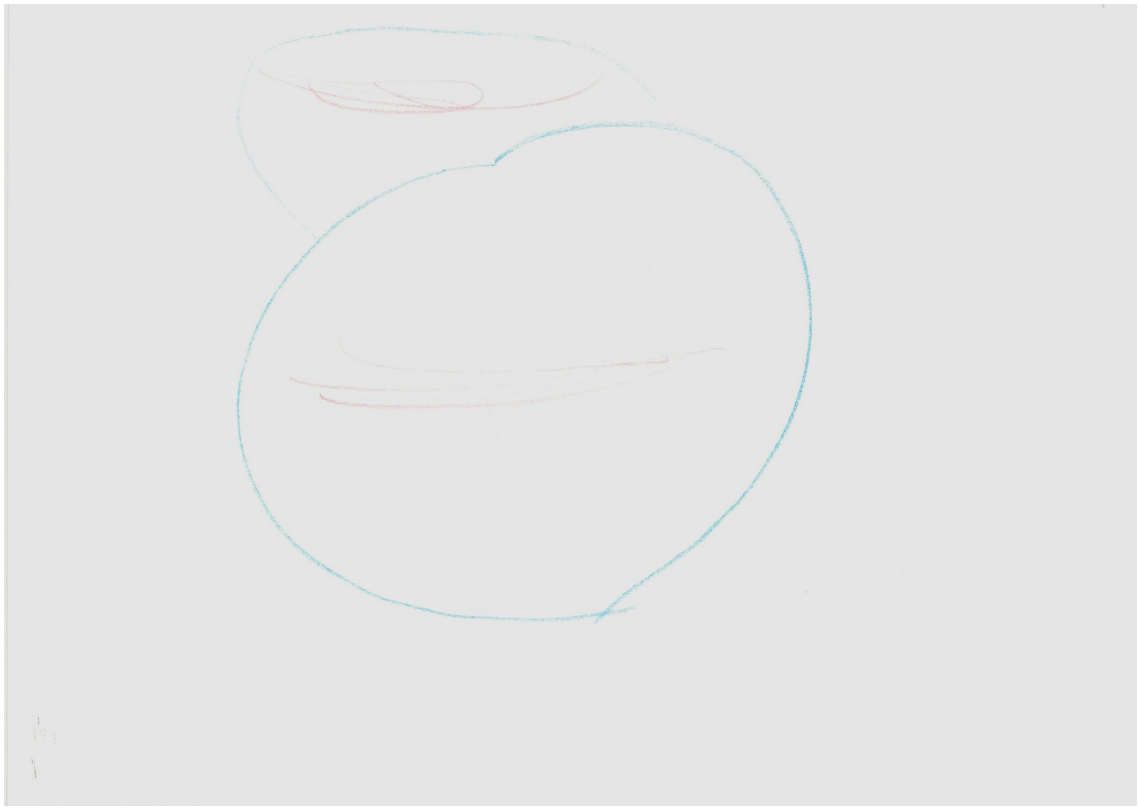
P – " Queres que desenhe contigo? Podemos fazer um desenho os dois…?"

Parece que o J. me está a querer dizer que sente um grande vazio e que tem medo de se perder nele, e que precisa que eu lhe o ajude a colocar lá dentro coisas…coisas dele, coisas nossas…

J – (Começa a fazer uns rabiscos, eu acompanho-o com um círculo contentor, ele continua, mas agora fora do círculo que tínhamos feito, e faz mais uns rabiscos [2]).

[2] Anexo 4.

ANEXO 4



Depois, pára e vai procurar os animais…escolhe o cão…)

P – (Segurei a vaca) " E o que eles vão fazer?..."

J – (Ficou à espera, parado, depois simulou que estavam a comer…)

Foi de encontro às brincadeiras que tínhamos os dois construído nas sessões anteriores, parece estar a começar a interiorizar estes nossos encontros e o que fazemos com eles. Ainda é muito importante para o J. a temática da oralidade daí a busca deste tipo de brincadeiras.

P – " Eles estão a comer ervinha fresca?.."

J – (Acena que sim com a cabeça…depois começa a simular saltos com o cão…)

P – " Parece que o cão está muito contente…já não tem medo, nem está zangado com os novos amigos…talvez se sinta mais protegido…"

J – (Olha para mim e sorri…fica muito entusiasmado…depois arranja uma espécie de manjedoura para o cão e para a vaca comerem…olha para os outros animais e larga o cão e volta-se para o cavalo, e simula a mesma cena alimentar, tudo parece estar em perfeita harmonia!..de seguida escolhe o elefante e depois o gato, aproxima-se da vaca e começa a dar beijinhos…volta-se para a família e senta os bonecos. Aproxima o elefante e o gato da família…)

P – “ Parece que o elefante e o gato estão muito contentes com os novos amigos …também o J. me parece muito contente aqui neste espaço com a Mónica…já não tem medo…sente-se protegido.”

J – (Pega nas flores e oferece-me uma, a outra coloca ao lado da casa do gato…)

P – “ Que lindo, o J. hoje parece estar muito contente por estar aqui com a Mónica…já me pode dar flores…” (Também me está a dizer que este nosso espaço começa a ganhar vida interior…)

J – (Lembra-se das plasticinas e pede-me para abrir as caixas das plasticinas, depois dá-me a plasticina vermelha e diz: “ é o Nodi…”)

P – “ É da cor do Nodi? E o que queres fazer com as plasticinas?”

J – “ O Nodi!..”

P – “ Vamos tentar fazer aqui os dois o Nodi, mas primeiro temos que moldar a plasticina… assim…” (Enquanto simulo como se molda, o J. fica a olhar…Dou-lhe também plasticina e ensino-o a fazer bolinhas de plasticina…)

J – (O J. imita-me em movimentos circulares com as mãos…depois diz: “ Já tá…”)

P – “ Muito bem, já sabes fazer bolinhas…agora vamos fazer mais, para o corpo…”

O J. retira muito prazer nestas actividades, sobretudo porque as faz em conjunto…também me parece estar a descobrir o prazer de estar com o outro, e a construir algo de novo com o outro…

J – (O J. lembra-se da bola e começa a mandar-me a bola, tal como fizemos na sessão anterior…)

Lembrei-me que podia-mos utilizar a cadeira como cesto para acertar a bola e criámos um jogo.

P – “ Vamos tentar acertar com a bola na cadeira, está bem J?”

J – “ Sim…” (Fica muito entusiasmado com o jogo e repetimos várias vezes, ora era a vez do J. ora era a minha vez, ora era a vez do J. acertar com a bola no “cesto”…ele ria e falava: “ Olha a bola caiu…” e tentávamos os dois apanhar a bola…ficámos a jogar algum tempo, até ao final da sessão, o J. parecia muito feliz…)

P – “ Olha J. agora o nosso tempo está a terminar, vamos arrumar as nossas coisas para irmos ao encontro da tia F., ela está lá fora à nossa espera…”

J – (Acena que sim com a cabeça e começa a arrumar as coisas…)

Reparei que o J. estava com as calças molhadas, tinha feito xixi nas calças.

P – “ Olha o J. fez xixi nas calças?..”

J – “ Sim…”

P – “ Não faz mal, estavas tão contente que não querias sair para ir à casa de banho, não é?...para a próxima vez se tiveres vontade de ir à casa de banho, podes dizer à Mónica, que ela pode ir contigo, não precisas fazer nas calças, como os meninos pequenos, o J. já é crescido, não é?..”

J – “ Sim…”

P – “ Encontramo-nos para a semana J. sim?”

J – (Olha e acena que sim com a cabeça…)

Comentários:

O J. está muito mais disposto a entregar-se a este novo espaço, e a esta nova relação, que vai aprendendo a diferenciar das outras. Foi uma sessão muito rica, sobretudo no que diz respeito ao estar com o outro, o J. parecia estar a retirar muito prazer deste nosso encontro, a angústia de separação, e o medo do estranho, que sentia no inicio parecem estar a dissipar-se aos poucos…no entanto, nos desenhos demonstra ainda ter uma forte carga emocional que extravasa, sobretudo ali, no encontro com o outro; no Squiggle (anexo 4) ainda demonstra uma vontade de fugir do outro…

8ª Sessão – 29 de Março 2007

Esta sessão foi a primeira, depois do internamento do J. devido a uma doença oportunista. O J. foi o único menino da Sol, a comparecer para a consulta e vinha um pouco desanimado. Quando entramos na sala, ele faz uns rabiscos, mas quando o solicito para desenhar, diz que não sabe, e pede para ser eu a fazer um desenho.

De seguida vai procurar os cubos (com as figuras da família que tem de completar, estrutura humana), e consegue, com a minha ajuda fazer correctamente a figura da filha e do pai. Posteriormente, vira-se para a pista de automóveis e faz os carros rolarem, ainda sem conseguir construir uma brincadeira. Durante esta sessão o J. parecia impaciente, e quis sair mais cedo.

9 ª Sessão – 12 de Abril 2007

Durante a presente sessão mostrou-se mais descontraído e animado. Quis pintar com os lápis de cor o desenho do Nodi. Continua no entanto sem vontade de desenhar, utiliza muito os

rabiscos como forma comunicacional. Faz ainda os rabiscos e parece que se apodera dele uma angústia que o faz desistir rapidamente. Pede que desenhe, e repete que não é capaz de desenhar. Pede que desenhe o Nodi, solicito a sua colaboração e digo-lhe que o vamos fazer os dois. O J ajuda-me a pintar o desenho, pinta ainda fora dos contornos…Posteriormente procura os carros e pergunta-me para que servem os sinais de trânsito, explico-lhe o que são e para que servem. Brinca com os carros, continua a fazê-los rolar ainda sem uma construção de brincadeira…

Comentários:

Senti uma regressão durante estas duas últimas sessões, sobretudo a nível relacional, um medo de se entregar na relação comigo, com medo de me perder, como perde todas as educadoras sempre que a relação se solidifica…

No decorrer do seu internamento e mesmo depois, o J. tem-se recusado a comer sólidos, só aceita comer líquidos. Esta recusa alimentar parece consequente do seu medo de crescer, enquanto for "bebé", sabe que vai continuar a receber uma atenção especial e afecto redobrado da parte dos outros (Episódio em que quando o vou levar até à educadora na sala de espera, este lhe pede um sumo, e fica à espera que seja esta a dar-lho à boca, como um bebé…).

12 Sessão – 3 de Maio 2007

O J. inicia a sessão com os carros de madeira e o parque. Inicialmente começa por fazê-los rolar, a andar às voltas…posteriormente vai à procura dos lápis e dos desenhos do Nodi, que mais uma vez continua a colorir. Por vezes dá a sensação de que este seu movimento tem um significado, o J parece estar a colorir aos poucos a sua vida interna, dando-lhe vida, conferindo-lhe cor.

Posteriormente, retoma o seu interesse pelos carros e vai à procura da família, escolhe o pai, o gato e o bebé. Coloca o gato com o pai e faz o pai acariciar o gato.

J – " E a casa do gato?"

P – " Está aqui!.."

J – (Coloca o gato em casa…)

P – " O gato em casa está mais protegido, está quentinho…"

J – " Sim…" (Procura o Bebé…) "O bebé tem medo do gato…"

P – “ Mas a Mónica está aqui, e protege o bebé…assim o gato já não lhe faz mal…”

J – “ O gato não faz mal ao bebé…” (Acaricia o gato e o bebé…) “O bebé tem sono…”

P – “ Então precisamos construir uma cama para o bebé…”

(Construímos uma cama…)

J – (Coloca o bebé a dormir com o gato…) “ O bebé está a dormir!” (Sussurra…leva o bebé para uma maca que está na sala, tapa-o e coloca-o ao lado do gato…continua a sussurrar, depois esconde o gato…) “ Não há gato…o gato?..não há…”

P – “ O gato está escondido? Deve estar a brincar às escondidas com a Mónica…”

J – (Sorri, e vai novamente para o parque com os carros…faz os carros rolarem todos e dirige-os para a porta da sala, depois coloca-os de pernas para o ar…)

P – “ Oh! J. os carros estão cansados?..”

J – (Vira-os e estaciona-os…)

P – “ J. o nosso tempo está a terminar, temos de continuar a nossa brincadeira para a semana…ajudas a Mónica a arrumar a arrumar a caixa?”

J – (Começa a arrumar a caixa e vai buscar o pai e o resto da família e coloca-os todos a dormir, depois vai coloca o bebé e o gato…) “ Chiu!.. estão a dormir…”

P – “ Ah! então vamos deixá-los a dormir até para a semana…”

J – (Enquanto o J. arruma a caixa, encontra o prato e o garfo e simula que está a comer…)

P – “ O J. está a comer as coisas boas que a Mónica tem aqui para ele. Já é grande, já consegue comer sozinho…o J. está a ficar crescido.”

J – (Sorri, muito contente, abre a porta e procura a saída, dá-me a mão e despede-se…)

Comentários:

O J. parece mais confiante, mais seguro do que tem de seu ali, naquele espaço. Começa a exprimir a sua vontade de crescer, sem medo, porque se sente acompanhado na sua longa caminhada pelo mundo dos afectos e do seu conhecimento e reconhecimento na relação com o outro. Agora o J. poderá estar disposto a descobrir o mundo, porque está mais fortalecida a sua ligação à vida.

13ª Sessão – 17 de Maio 2007

Quando fui chamar o J. à sala de espera, este quando me viu correu até mim e disse: “ Vamos, quero brincar…” (Dá–me a mão e seguimos até à sala…).

Já na sala…Foi à caixa lúdica e montou o parque dos carros…escolheu os carros que queria e deu-me alguns a mim. Andava às voltas com os carros, sem um objectivo específico. Sugeri que depois da longa caminhada fossemos comer um gelado…seguiu-me e aderiu bem ao jogo. Posteriormente levamos os meninos à escola e o bebé ficou com a mãe, enquanto o pai foi para o trabalho. Sugeri que cozinhasse-mos para o bebé que devia estar com fome. O J. mostrou-se muito entusiasmado, e começou a procurar as panelas e os pratos. Manipulava-os e mexia a sopa…deu a papa ao bebé. Parecia muito orgulhoso e satisfeito por já ser capaz de preparar alimentos, coisas boas para dar ao bebé. O J. projecta no bebé as suas necessidades, de ser alimentado, de ser acariciado, e protegido. Parece já ser capaz de aceitar as coisas boas que lhe dou e parece reconhecer aquilo que os dois conseguimos construir ali, naquele espaço. Digo-lhe: " O J. já está crescido…já consegue fazer coisas boas para oferecer ao bebé…juntos, o J. e a Mónica, conseguimos fazer coisas boas…".

Comentários:

O J. tem vindo a crescer, já sabe o que significa aquele espaço terapêutico, que já não é sentido como algo ameaçador, que o pode desestruturar e destruir, mas que passou a ser por ele sentido como um encontro com a sua parte mais criativa, mais saudável, que o vai encorajando a crescer.

15ª Sessão – 14 de Junho 2007

Tal como na sessão passada o comportamento do J. tem se vindo a modificar bastante e os progressos são visíveis até na forma como se move e na postura corporal. Já não é aquela criança assustada com o olhar baixo e evitante, utiliza uma postura mais erguida e mais confiante. Quando me vê, corre até mim, e diz: " Vamos para a nossa sala…", anda sem medo no corredor e vai tentando descobrir qual é a nossa sala.

O J. inicia a sessão montando a pista de carros, mas desta vez circula com os carros dentro dos limites da pista, mais dentro do que fora e cria pontes. Coloca os sinais de trânsito, embora numa posição pouco correcta, mas acima de tudo tem uma noção de que eles servem um determinado propósito. Faz os carros andarem de escorrega, e segue para a casinha dos gelados e depois para o jardim. No decorrer da sessão ouvem-se sirenes, e o J. parece ter ficado um pouco assustado, diz: " Oh! É a polícia…", Digo-lhe: " Sim, mas aqui eles não podem entrar…este espaço é nosso…a Mónica está aqui, para proteger o J.". Vai pouco a

pouco, sendo capaz de verbalizar os seus medos, medo da polícia (sirenes), medo que invadam o nosso espaço.

Volta a colorir os seus desenhos do Nodi, que de alguma forma parecem constituir um marco do que é seu, ali naquele espaço, da sua identidade, que ali também vai sendo construída. Brinca com as plasticinas e aprende a afiar os lápis. Posteriormente conto-lhe uma história, de um pequeno pinto que queria crescer e mostrar ao pai que já era grande, e que no final consegue ganhar o jogo de basebol. No final da sessão o J. foi à procura dos cubos (puzzle, com as figuras da família), e já os consegue completar quase sem qualquer ajuda. Falei com a educadora no final, que me diz que o J. está muito mais desenvolvido, inclusive que a terapeuta da fala nota que o J. já consegue realizar uma série de tarefas sozinho e se mostra muito mais motivado para as novas tarefas que lhe são propostas e orgulhoso das novas conquistas.

Comentários:

A afirmação de orgulho de si próprio, de autonomia começam a emergir no J. A constância objectal, da presença de um outro disponível para si levam-no a suportar melhor as ausências sem uma ansiedade desorganizadora, porque pode usar objectos substitutivos e simbólicos do materno ausente, transferindo-lhe afectos, e desejos. O seu mundo alarga-se pela autonomia adquirida.

16ª Sessão – 5 de Julho 2007

O J. inicia a sessão começando por montar a pista dos carros, tal como na sessão anterior constrói pontes para fazer passar os carros. Parece que estas ligações, que nos surgem aqui com as pontes, servem para ligar partes suas que no início o afligiam e angustiavam, mas que agora já reconhece como suas. Posteriormente, alinhou todos os carros em frente da porta do gabinete, parecia querer certificar-se do que tem seu ali naquele espaço, aquilo que lhe dou e o que aos poucos é capaz de receber. Deixou os carros e a pista e foi à procura do bebé, cozinhou mais uma vez para o bebé, parece ser qualquer coisa que lhe dá muito prazer, e que mostra a sua projecção do que é a vivência de um materno que aos poucos é interiorizado. Desta vez utilizou a faca e o garfo para alimentar o bebé, que são novas aquisições suas. Parece que o J. já não precisa de se mostrar "bebé" para se certificar que não o vão abandonar, e que crescer ainda que por vezes doloroso, porque se perdem coisas, passou a ser

sentido também como um ganho de outras coisas, coisas diferentes. Posteriormente colocou o bebé a dormir e sentou o gato no colo do pai. Foi buscar o resto da família e coloca-os todos na cama, tendo o cuidado de os tapar. Estes seus movimentos de reparação e preocupação materna denotam já alguma constância objectal e uma capacidade de simbolização, que o permitem, na ausência do objecto, o fantasiar, criar e simbolizar, um materno.

***Comentários*:**

Estes seus novos movimentos, em que simula um cenário do que seria a vivência num seio familiar que embora não tenha acesso, mas que imagina e fantasia, é sinal que o J. já internalizou o que é isto de ter um pai, uma mãe, afecto, colo, e disponibilidade mental para amar e deixar-se ser amado, que simboliza através do jogo. Esta sua nova capacidade, para se deixar cuidar e envolver sem o medo de fragmentação que parecia paralisá-lo no início, parece agora, ter dado lugar a uma vontade de abraçar e acarinhar o mundo que o rodeia.

22ª Sessão – 8 de Novembro 2007

J. Dirige-se à caixa lúdica, retira os carros e a pista/cidade...larga e vai buscar a bola.

J – "Vamos jogar!.."

P – "Sim, vamos..."

(O J. Dá um pontapé forte e tenta marcar golos...está muito entusiasmado com as nossas novas conquistas e descoberta do prazer que sente ali naquele espaço partilhado por nós que se vai tornando cada vez mais fecundo. Posteriormente, pede-me os lápis...).

J – " O Nodi!..Quero pintar..."

(Dou-lhe os lápis e vai pintando os desenhos do Nodi. Entretanto retira os óculos da caixa lúdica e coloca-os na cara...)

J – "E tu, não tens óculos?"

P – " Tenho...olha!.. (coloco os meus óculos também)...agora já podemos os dois ver outras coisas, coisas mais pequeninas que começam a crescer..." (Senti o seu desejo de partilhar ali comigo uma coisa nova, coisa essa que ainda não sabe pôr por palavras...). Posteriormente vai buscar os animais e pergunta que buraquinho era aquele que os animais tinham na barriga.

P – " É o umbigo, donde saem os bebés..."

J – (Ri encolhe os ombros e vai buscar as panelas para começar a cozinhar...)

P – “ Parece que o bebé J. Também precisa de ser alimentado, será que a Mónica consegue dar bom leitinho ao J?”

J – (Começa a alimentar cada animal...)

P – “ Talvez o J. Tenha aprendido a cuidar do seu bebé e agora quer mostrar à Mónica que cresceu e que já não é um bebé-J.”

J – (Dá-me uma colherada e sorri...)

P – “ Que bom!..O J. Cozinha muito bem, e dá coisas boas à Mónica...Já não tem medo de receber as coisas boas que a Mónica dá e descobriu o prazer de dar coisas boas também aos outros...ou a partes suas mais bebés...O J. Está a ficar crescido...”

J – (Ri e ergue-se orgulhoso...)

24ª Sessão – 6 de Dezembro 2007

Vai procurando a sala onde vamos ter consulta. Olha sem medo para as pessoas com quem se cruza no corredor e mostra interesse e curiosidade por aqueles rostos. Quando entramos na sala, abre a caixa lúdica, e retira os livros de pintar. Pinta alguns desenhos e parece retirar muito prazer em estar ali...Depois vai buscar os legos e o gato. Constrói uma casa para o gato e diz:

J – “ Assim, já não cai, está preso...”

P – “ Está seguro...está protegido...Parece que também o J. Se vai sentido protegido aqui pela Mónica...”

Posteriormente senta a avó, o pai, e a mãe com o bebé. Coloca a mochila nos meninos e diz:

J – “Estes meninos foram para a escola...” Coloca o lenço na avó e o gato em casa.

P – “ O J. Sente-se protegido por isso pode proteger as pessoas de quem gosta...”

26º Sessão – 24 de Janeiro 2008

1ª Aplicação do CAT.

Protocolo CAT – J (1ª Aplicação)

Cartão 1

"3"

"O galo...a mãe galo...estão a comer... (aproxima o cartão da boca...)"

Cartão 2

"20"

"Os ursos...estão a puxar (...) é um jogo. Este é mau (aponta para o urso maior)... (porquê?)- Não responde."

Cartão 3

"5"

"É o Leão. Está assim (Faz gesto) com a mão na boca...(...)Ah! É o Rato..."

Cartão 4

"5"

"São os coelhinhos. Este (aponta para o canguru mãe), está com a mota!..e a árvore de Natal (aponta)."

Cartão 5

"3"

" Os ursinhos bebés estão a dormir... (acaricia o cartão)."

Cartão 6

"6"

"O urso está a dormir. Estão ali (aponta) outros..."

Cartão 7

"2"

"Ah!..O tigre!.. (passa o cartão depressa)"

Cartão 8

"4"

"Os macacos estão a fazer, hu! hu!.. (ri e tenta imitar o som dos macacos)."

Cartão 9

"7"

" O coelhinho está na cama...está sozinho..."

Cartão 10

"6"

" Cães...estão a comer (...) o maior vai tomar banho..."

Análise do Protocolo CAT – J (1ª Aplicação)

Cartão 1 – Procedimentos:

O cartão de entrada na situação CAT, representa uma cena alimentar, onde podemos ver três pintainhos sentados à volta de uma mesa, sobre a qual há uma grande taça cheia. Ao lado, esbatido, um grande frango. Este cartão remete para uma relação com a figura materna da ordem da oralidade, e representações inconscientes de gratificação e/ou frustração a ela associadas[3].

Após um início, um pouco hesitante, marcado pela restrição, silêncios e tendências para a recusa (EI 1), inicia a prova começando por descrever o que vê, muito agarrado ao conteúdo manifesto, "o galo...a mãe galo" (IF 5), que remete para uma instabilidade identitária, favorecida não só pela ambiguidade do material, mas também, pela sua capacidade de interiorização de um "bom objecto", que lhe garanta uma coerência identitária. Que podemos pensar, tenta " agarrar" levando o cartão á boca (MC 4).

Problemática:

A expressão de ausência da interiorização de um "bom objecto" que lhe confira uma coerência identitária é aqui traduzida por uma vivência carencial e de abandono que parecem ser simbolizadas, não só pela restrição (que remete para uma capacidade de simbolização

[3] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P.107.

pobre e de vazio) mas também, através da sua necessidade de usar o corpo para exprimir melhor o que sente, por lhe faltarem ainda as palavras...as vivências.

Cartão 2 – Procedimentos:

O conteúdo manifesto deste cartão representa uma cena em que três ursos (um grande de um lado e um outro urso grande e outro pequeno do outro lado) puxam uma corda. Remete para a relação triangular pais-filho, num contexto agressivo e/ou libidinal[4].

Inicia com uma descrição dos personagens, sem fazer referência à diferenciação geracional (EI 1). No entanto, faz posteriormente o uso de procedimentos que traduzem o recurso à esfera motora e corporal (MC 1 e MC 4) e que sublinham o conflito e a diferenciação geracional que anteriormente evita (EI 3). Termina com a expressão verbalizada de afectos "Este é mau" (RA 1) que condensa a justificação para o evitamento anterior, suscitada pelo carácter ansiogénico e perigoso, da diferenciação geracional e consequente relação triangular.

Problemática:

A relação triangular não é reconhecida, como não o são a diferenciação entre os personagens. Não reconhece a diferenciação geracional, embora seja evocada num momento posterior, mas imediatamente evitada, pela angústia que a carga agressiva e fantasmática lhe suscitam.

Cartão 3 – Procedimentos:

Este cartão representa um leão com um cachimbo e uma bengala, está sentado num cadeirão, e no canto inferior direito, podemos ver um ratinho num buraco. Remete para a relação com uma imagem de potência fálica [5].

Depois de um início marcado pela restrição, silêncios e recusa (EI 1), a narração é sustentada com procedimentos que traduzem o recurso ao corpo (MC 4) e acentuação da tradução corporal dos afectos (RA 3).

[4] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P.108.
[5] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P.109.

Problemática:

O recurso ao evitamento, por crianças pequenas a este cartão é muito comum, porque o seu conteúdo latente reenvia para a dialéctica grande/pequeno, dominador/dominado...modulado pelas solicitações agressivas.

Aqui a resposta expressa uma dificuldade em aceder a uma representação relativamente a uma problemática de força, que é reduzida a uma imagem clivada em que os personagens não estabelecem qualquer tipo de relação, embora sejam reconhecidos em termos de conteúdo manifesto/evitante.

Cartão 4 – Procedimentos:

Este cartão representa um canguru grande com um chapéu, um saco e um cesto com uma garrafa de leite. Ele tem na bolsa marsupial um bebé canguru que segura num balão. Por detrás dele está uma outra criança canguru que está com uma bicicleta.

Ao nível do conteúdo latente, remeta para a relação com a imagem materna, eventualmente, para a rivalidade fraterna[6].

Nesta resposta, faz recurso à evidência e apego ao conteúdo manifesto do cartão (RE 1), embora, os três personagens apareçam inicialmente indiferenciados (IF 9), não fazendo a distinção clara entre grande/pequeno vai posteriormente, conferir a um deles (ao maior) (MC 4), um objecto adulto (mota). Finaliza a resposta com a ligação arbitrária "árvore de natal" (OC 10) conferindo-lhe um significado pessoal.

Problemática:

Revela uma dificuldade para discriminar claramente os três diferentes cangurus e de estabelecer oposição em relação à dicotomia grande/pequeno (tal como no cartão anterior). Que remete para conflitos profundos inscritos na problemática Separação/Individuação.

Cartão 5 – Procedimentos:

[6] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P. 110.

Ao nível do conteúdo manifesto, podemos ver num quarto sombrio, uma caminha com dois ursinhos. Por detrás, uma cama grande cujos cobertores parecem estar levantados por alguma coisa.
Ao nível do conteúdo latente, este cartão remete para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva[7].

Recorre, mais uma vez, à evidência ao conteúdo manifesto (RE 1), o apego ao evidente é comum na sua narrativa, bem como, a necessidade de fazer uso do corpo como vínculo para a expressão do seu sentir (MC 4 e RA 3).

Problemática:
O sobre investimento do quadro perceptivo e o apego ao evidente, dão conta de uma dificuldade não só de se exprimir por palavras (pela insuficiente capacidade de simbolização) reforçada pela escolha de procedimentos que traduzem o recurso à expressão corporal, mas também, por uma deficiência de suporte, face a uma equivalência afectiva de vivência de perda do objecto, de abandono.

Cartão 6 – Procedimentos:
Este cartão representa uma gruta, na qual se podem ver, dois ursos grandes. À frente, um ursinho mais pequeno de olhos abertos e folhas.
Ao nível do conteúdo latente, este cartão reenvia para a curiosidade sexual e para os fantasmas da cena primitiva[8].

A resposta faz recurso, mais uma vez, à evidência, ao conteúdo manifesto (RE 1) e à descrição, com apego aos grandes pormenores (OC 1).

Problemática:
Mantém o recurso ao sobre investimento do quadro perceptivo, à evidência, no entanto, a carga afectiva suscitada pelo conteúdo latente do cartão, dá conta de uma vivência de abandono, uma vez que se posiciona excluído da relação de casal parental. Relação esta que

[7] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P. 113.
[8] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P. 114.

aparece num segundo plano, e claramente distante, predominando a delimitação dos espaços e dos personagens que aparecem aqui sem qualquer ligação afectiva.

Cartão 7 – Procedimentos:

O presente cartão traduz um cenário selvagem, onde se pode ver um tigre a saltar sobre um macaco. O macaco parece agarrar-se a lianas. Ao nível da solicitação simbólica latente, remete para uma relação carregada de agressividade (versus castração ou devoração). Reenvia para o medo da agressividade privilegiando o registo da castração[9].

A resposta, faz recurso a procedimentos que traduzem o evitamento e inibição (EI 3 e EI 1) que dão conta do impacto que a percepção desta situação agressiva desencadeou no seu interior.

Problemática:

Ao reenviar para uma relação assimétrica (passivo/activo, tal como no cartão 3) e para a percepção de uma situação agressiva parece ter sido invadido pela carga fantasmática agressiva e destrutiva que prejudicou a sua estabilidade emocional e identificativa. Aqui o recurso ao evitamento pode ser entendido como forma de autoprotecção contra o confronto com conteúdos agressivos e ansiogénicos, dos quais, não se consegue desembaraçar.

Cartão 8 – Procedimentos:

Este cartão representa dois macacos grandes sentados num sofá a beber qualquer coisa em canecas e à direita, um macaco grande sentado num pufe aponta para um macaquinho. O conteúdo latente remete para a culpabilidade associada à curiosidade e à transgressão na relação pais-filho[10].

A narrativa é marcada por encenações, diálogos, importância dada às interacções (IF 3), que se fazem acompanhar do recurso a procedimentos ligados à esfera motora como risos e mímicas (MC 3).

[9] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P. 115.
[10] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P. 116.

Problemática:

Este cartão evoca uma dupla relação dual entre os diversos macacos situados em diferentes planos. No entanto, esta diferenciação elementar não é percebida na resposta, e parece existir uma confusão entre as personagens, o que mais uma vez, parece dar conta de uma instabilidade identitária. Bem como, da ausência de uma figura materna estável e fiável com quem possa estabelecer um tipo de relação diferente.

Cartão 9 – Procedimentos:

No que se refere ao conteúdo manifesto, podemos ver neste cartão, um quarto sombrio com uma porta aberta e uma cama de criança com um coelho dentro, sentado. Ao nível do conteúdo latente, este cartão remete para uma problemática de solidão e/ou de abandono[11].

A resposta, dá conta do recurso à evidência, apego ao conteúdo manifesto (RE 1). É confrontado com a capacidade para estar só e de gerir a solidão, bem como com os afectos depressivos dos quais ainda não se consegue desembaraçar (RA 1).

Problemática:

A problemática de solidão/abandono tem sido reactivada no decorrer da prova, embora aqui tenha condensado toda uma vivência emocional de afectos depressivos que o invadem e paralisam.

Cartão 10 – Procedimentos:

O cartão representa a figura de um cãozinho, deitado de barriga para baixo nos joelhos de um cão grande. À direita uma casa-de-banho e toalhas.

Ao nível da solicitação latente, este cartão reenvia para a relação agressiva pai-filho num contexto de analidade, evidenciado pela proximidade corporal dos personagens[12].

Recorre a procedimentos que traduzem o recurso ao imaginário e ao fantasma, com fabulação longe do cartão (IF 7).

[11] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P. 119.
[12] Boekholt, M. (2000). Provas Temáticas na Clínica Infantil. Climepsi Editores. P. 120.

Problemática:

As duas personagens aparecem pouco diferenciadas. A relação agressiva mãe-filho ligada à dialéctica disparate/punição num contexto superegóico é mais vivida ao nível da situação de fantasia de absorção oral, do que, num real reconhecimento da situação anal. Que remete para um tipo de funcionamento mais evoluído.

Comentário:

Mostra algum interesse na prova, mas não investe muito nem se deixa envolver pelo conteúdo das pranchas. Utiliza frequentemente procedimentos de tipo RE, que traduzem o recurso à realidade exterior. Sobretudo RE1 (Recurso à evidência, apego ao conteúdo manifesto) e RE3 (Insistência no enquadramento, nas delimitações e suportes presentes). E também OC1 (Descrição com apego aos pormenores) que parece servir para captar objectivamente os dados. E ainda tendência a procedimentos de tipo RA1 (Expressão verbalizada dos afectos).

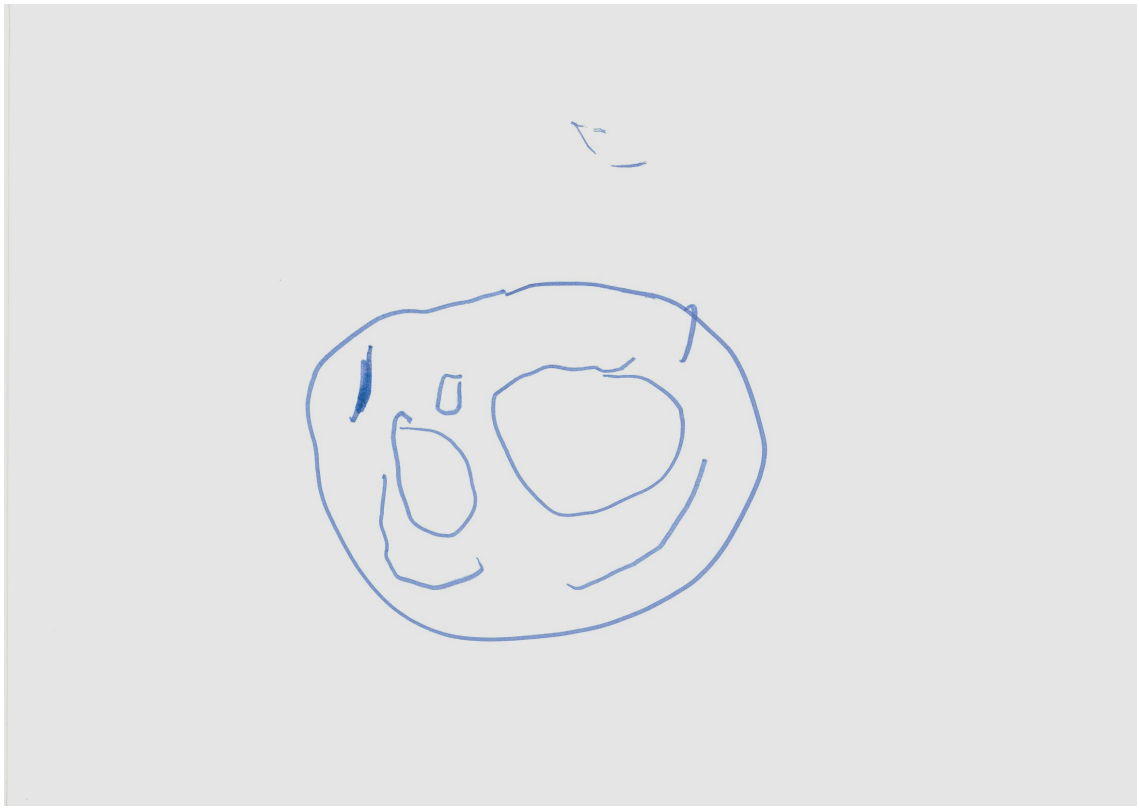
27ª Sessão – 31 de Janeiro 2008

Desenho livre (1) – ANEXO 7

Desenho livre (2) - ANEXO 8

Desenho da Família Real (1) - ANEXO 9

Desenho da família real (2) – ANEXO 10



Desenho da Família Real (3) – ANEXO 11

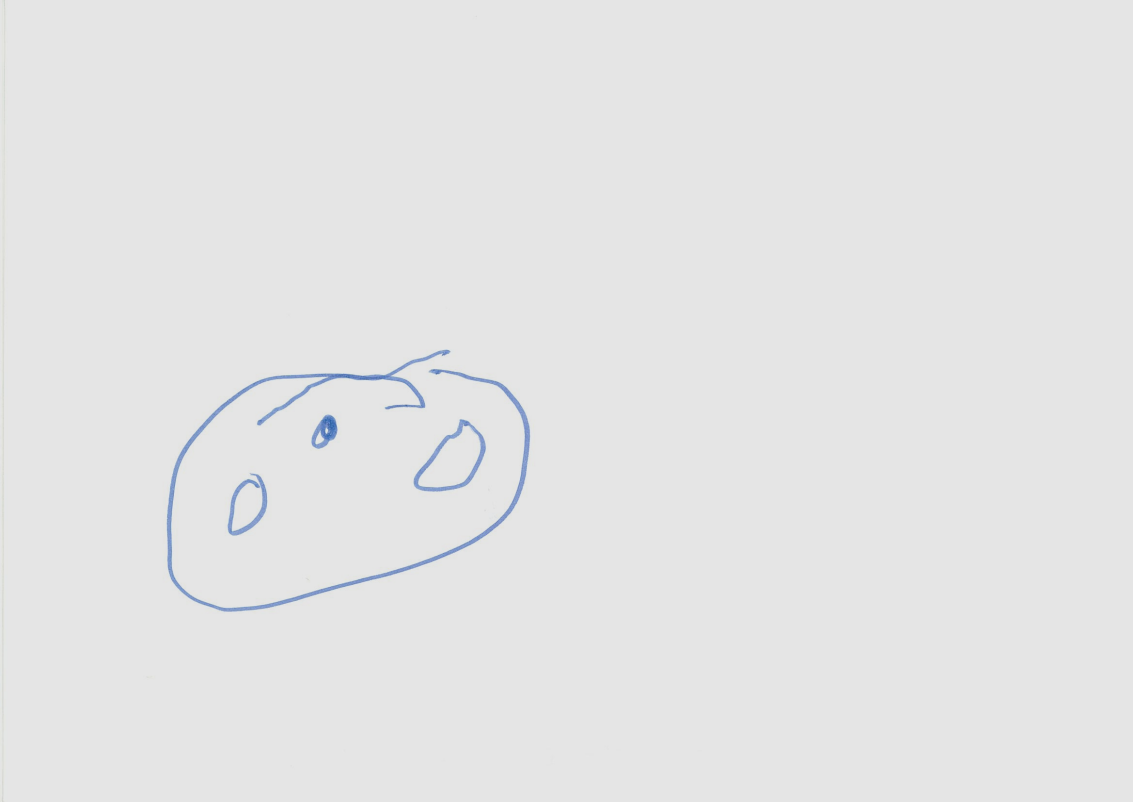
Desenho da Família Real (4) – ANEXO 12

Desenho da Família Imaginária (1) – ANEXO 13

Desenho da Família Imaginária (2) – ANEXO 14

Desenho da Família Imaginária (3) – ANEXO 15

Desenho da Família Imaginária (4) – ANEXO 16



Desenho da Família Imaginária (5) – ANEXO 17

28 ª Sessão – 7 de Fevereiro 2008

Abre a caixa lúdica e retira o livro de colorir...folheia-o e começa a pintar.

Dá-me uma folha que tem consigo e diz:" É o Nodi", oferece-mo.

P – " O J. Está a oferecer o seu Nodi à Mónica..."

J – " Sim, é para a tua mãe..."

P – " A mãe da Mónica vai ficar muito contente...o J. Gosta de dar coisas boas à Mónica, também sente que aqui a Mónica lhe dá coisas boas e por isso já pode partilhá-las sem se sentir vazio e perdido..."

J – " Sim... (ri muito...) Olha, sabes a minha mãe está longe. Está sempre a trabalhar..."

P – "Ficaste a pensar na tua mãe...parece que o J. Gostava que aqui a Mónica lhe conseguisse dizer como será a sua mãe."

J – " A tia F. disse que ela estava sempre a trabalhar..."

P – " A Mónica estava a pensar que o J. Gostava que a sua mãe tivesse mais tempo para ele."

J – (Descalça os sapatos e vai buscar a pista de carros, monta a pista e dá-me um carro, pergunta onde deve colocar os sinais de trânsito e as arvores...montámos os dois a cidade. Escolhe dois bonecos da família, um para cada um. No jogo leva-os para o parque infantil, foram comer um gelado. Sentaram-se no jardim e foram ver os passarinhos.).

P- " Sabes, J. Também é isto que as mães fazem com os filhos..."

J – (Sorri...)

No final da sessão não se queria ir embora.

J – "Para onde vais depois?"

P – " Vou para minha casa...e o J. Vai para a sua casa."

J – " Mas tu podias vir para a minha casa..."

P – " O J. Gostava de levar a Mónica para casa dele...talvez tenha medo de a perder, fica triste quando tem de se separar desta casa-mãe Mónica. Mas podemos continuar a encontrar-nos os dois neste espaço para a semana. Esta casa-mãe Mónica vai estar aqui à espera do J. E a Mónica e o J. Podem os dois continuar a falar, a pensar, a brincar, a sonhar e a crescer..."

29ª Sessão – 28 de Março 2008

Esta sessão foi a primeira sessão no Consultório...

J. Entra na sala e explora novo espaço. Dirige-se à caixa lúdica, que contêm alguns dos brinquedos que lhe são familiares.

J – "Isto é meu!.."

P – “ Sim, é do J...É nosso...continua a ser o nosso espaço, mas este será o nosso novo espaço. Apesar das mudanças que o J. Está a viver, há coisas que construídas aqui com a Mónica que o J. Não perde...”

Brinca com a plasticina, faz um Nodi. Posteriormente, vai buscar os carrinhos e a pista/cidade, que troca pelo lego. Constrói uma casa para o gato.

J – “ O gato está na casa da mãe...”

P – “ O J. Também! Agora tem uma nova casa e uma outra mãe...”

Continua a brincar e constrói a casa da mãe...faz-me pensar que talvez me esteja a contar que também ele, tal como o gato tem uma nova casa que deseja que eu conheça.

J – “ Mãe, dá-me aquela pesa para o telhado...a flor!..”

P – “ A Mónica pensa que o J. Está-se a sentir um pouco confuso que tudo isto que está a acontecer...está numa nova casa, com uma nova mãe, também aqui está num novo espaço com a mãe-terapeuta...”

J – “ É a tua casa?”

P – “ É a nossa casa. Um espaço onde a Mónica recebe o J. Onde podemos os dois continuar a construir as nossas coisas...”

J – “ Mãe, quero ir ao médico, à outra sala...”

P – “ Parece que o que o J. Está a tentar dizer é que deseja encontrar os seus amigos da Casa Sol...Está com saudades...sente que os perdeu e isto está a deixá-lo um pouco triste, com medo e confuso...”

31ª Sessão – 11 de Abril 2008

J – “ Quero desenhar!..”

Dou-lhe umas folhas de papel...

J – “ Olha vou fazer a casa da mãe...”

P – “ O J. Parece estar contente com a sua nova casa...”

J – (Ri muito...parece estar muito contente por estar ali comigo...) “Olha quero recortar...” Começa a recortar a folha de papel, parece muito satisfeito com as coisas novas que vai conseguindo fazer...

P – “ Pareces muito contente com as coisas novas que vais aprendendo...”

J – “ Olha, vou fazer comida. Sopa...vou fazer uma sopinha...” Vai buscar as panelas e os pratos, que distribui em cima da mesa. “ Este é para ti!” Depois, vai buscar os animais...”E o

cão? A fingir que este é o cão!..” (leão) Dá-me o tigre...coloca os dois lado a lado e faz o leão dar piruetas...”

P – “ Parecem contentes. Também o J está contente, por encontrar aqui este seu espaço com a Mónica que o liga à sua antiga casa...”

J – (Ri...com muita alegria).

P – “ O cão-leão parece mais forte e com menos medo...”

J – (Vai buscar o gato e constrói a sua casa.) “ É a casa da mãe do gato...”

P – “ Também o gato-J. Tem uma nova casa. Um espaço seu. Aqui também tem um espaço só seu...”

J – “ Mãe...ups!.. (fica envergonhado mas depois ri...)”

P – “ Mãe – Mónica-terapeuta, não é J. Mas também há a mãe-F.”

J – “ Não, tu és a minha mãe...”

P – “ Sim, sou a mãe do J. Aqui!..”

33ª Sessão – 9 de Maio 2008

Vem a correr até à sala...

J – “ Vamos Mónica...” (Dá-me a mão e leva-me até à nossa sala..)

Entramos na sala, vai buscar a caixa lúdica e retira os carros, a casa e o senhor (avô da família). Pede-me a fita-cola e cola a casa ao chão do consultório. “ Precisa de muita cola...”

P – “ Para ficar bem segura aqui. Parece que o J. Me está a dizer que tem medo de a perder...”

J – “ O carro e o senhor também precisam de muita cola...” Depois vai buscar o tigre e cola-o ao chão da sala. Pede-me mais cola...” Assim, para ficar bem preso...”

P – “ Para não se perder, para o J. Ter a certeza de que quando sair dali, eles continuam aqui à sua espera, tal como a Mónica.”

34ª Sessão – 16 de Maio 2008

Dirige-se a mim a correr, vem com um grande entusiasmo. Quando entra na sala, pergunta pelos carros e vai buscá-los à caixa lúdica. Começa por imitar o som dos motores.

J - “Brum...Brum...”

P – “ O J. Parece estar com muita força e muita vontade de estar aqui hoje com a Mónica...”

J – (Vai buscar a fada...) “ Tão linda!..mas está triste!..”

P – “ Porque será que o J. A vê triste?..”

J – “ Não tem amigos.”

P – “ Parece-me que o J. Tal como a fada também sente falta dos seus anteriores amigos da Casa Sol...”

J – “ Sim...”

P – “ Mas vais podê-los visitá-los mais tarde. Eles não se esqueceram de ti...”

J – (Sorri...) “Sabes que já vou para a escola...”

P – “Ai é? E estás a gostar?”

J – “ Sim...” (Vai à procura do Senhor-avô) “ E o senhor?”

P – “ Olha está aqui!”

J – “ A fingir que ele estava em casa com a menina fadinha....e a cola?..”

P – “ Está aqui!..”

J – (Cola a menina e o senhor à casa e depois cola a casa ao chão do consultório.)

P – “ O J. Parece precisar de ter a certeza que não vai perder as coisas novas desta sua “casa”, para isso ainda precisa de muita cola...”

J – “ Olha a menina agora estava com fome... (alimenta a menina)”

P – “ também o J. Se sente muito ávido quando não pode estar com a Mónica.”

J – “ E agora vem o tigre...precisa de muita cola.”

P – “ Porquê?..”

J – “ É para não fazer mal...”

P – “ Parece que o J. Hoje vem zangado, podemos falar sobre essa zanga. A Mónica não fica destruída com a tua zanga...”

Pede folhas para desenhar e começa a desenhar o Nodi. Começa a desenhar vários rostos do Nodi. Depois começa a cortá-los aos bocados...

J – “ Vou destruir todos os bonecos que a mãe deu...todos!..Sou o homem mau...”

P – “ O J. Parece muito zangado com a mãe toda-poderosa que lhe dá limites e impõe regras...tão zangado que tem vontade de destruir também as coisas boas que a mãe lhe dá...”

J – “ Sou o homem mau!..que vai destruir todos...” (Rasga o ultimo Nodi aos bocadinhos)

P – “ A Mónica também vai estar aqui quando o J. Está mais zangado e não fica destruída.”

36ª Sessão – 30 de Maio 2008

Hoje o J. Vem com a irmã. E já vem com um atraso de 25 min.

Quando me vê dirige-se a mim a correr, dá-me a mão e diz: “ Vamos Mónica...”

Já na sala, mostra-se inquieto e ansioso. Vai buscar a caixa lúdica e pergunta pela pista dos carros.

P – " Parece que o J. Precisa sempre de se certificar que não perde nada quando sai daqui, de que a Mónica não se esquece dele..."

J –(Retira os carros, a casa, as arvores, o tigre e o leão...cola tudo com fita-cola ao chão da sala.)

P– "Parece-me que o J. Está a tentar dizer a Mónica que está com medo de perder esta nossa casa, este seu espaço com a Mónica onde se vai descobrindo no encontro com o outro."

J – " Sim...(olha-me muito atento...)"

P – " É por isso que precisas de tanta cola...para te sentires seguro de que não me perdes?.."

J – (Olha-me muito atento e sorri...Posteriormente retira tudo o que se encontra no interior da caixa lúdica) " Isto é meu, isto é meu!..Vou comer isto tudo (Diz com um ar zangado!..)"

P – " Hoje o J. Vem muito ávido, com muita fome do que a Mónica tem aqui para lhe dar..."

Fiquei a pensar que o J. Está com muita fome de compreensão e senti-o muito zangado e com medo. Precisa de devorar tudo aquilo que nós os dois fomos construindo, com medo da perda. Também pensei na perda que sentiu ao sair da Casa Sol, a sua casa, e de como isto lhe deve causar muita angústia.

J – (Foi retirando bocadinhos de fita-cola ao tigre e ao leão, e começou a desprendê-los...)

P – " Estás a tirar a cola?..talvez já não precisem de tanta cola..."

J – " Sim, só um bocadinho...são bocadinhos de pele..."

P – " Se calhar, já não precisam dessa pele, está a crescer uma outra, mais forte..."

38ª Sessão – 20 de Junho 2008

O J. Inicia entra na sala e vai directamente ao encontro do tigre e do leão, pergunta se já estão curados, porque na última sessão feriu-os, cortando-lhes a língua...

P – " Penso que sim, depois do nosso curativo e da comida que lhe demos, ficaram ali a descansar, à espera que o Dr. J. E da Dr.ª Mónica para curar as suas feridas. A Mónica também está aqui para curar as feridas do J."

J – (Sorri...) " E a fadinha azul?...Oh! Tão querida!..ela está com fome..." (Começa a alimentar a fadinha).

P – " O J. Também deve ter sentido muita fome destes nossos encontros, do seu espaço, onde vai sendo capaz de falar sobre o seu bebé, de ajudá-lo a crescer..."

J – (Vai escutando e cozinhando para a fadinha. Depois coloca a fadinha a dormir e pergunta pelo Senhor-avô...)

P – " O Senhor-avô deve ser o pai desta menina...ela também deve ter uma mãe e uma família, como o J." (Juntos fizemos desenhos o desenho da família: o J. e a mãe).

Posteriormente vai buscar o livro do Nodi, começa a colorir o livro e depois pede-me que lhe conte a história. A história era sobre o relógio que o senhor faísca consegue arranjar.

P – " Se calhar o J. Quer saber se eu tal como o senhor Faísca também tenho uma chave que conserta aqui as feridas do J."

J – (Vai buscar folhas de papel e começa a cortá-las aos bocadinhos...)

P – " Parece-me J. Que esses bocadinhos podem ser unidos. Que também aqui com a Mónica o J. Pode juntar partes suas..."

42ª Sessão – 25 de Julho 2008

Aplicação do CAT (2ª aplicação)

Protocolo CAT – J (2ª Aplicação)

Cartão 1

"5"

"As galinhas estão a comer chocapik..."

Cartão 2

"3"

"Ursos estão a puxar o fio..."

Cartão 3

"6"

"Oh! O leão está triste..."

Cartão 4

"4"

" Coelhinhos de bicicleta, com a mãe...estão a ir para a casa deles...olha! (aponta com o dedo)."

Cartão 5

"3"

" É o quarto dos meninos. Eles estão a dormir porque é de noite e depois vem o papão e depois o homem. E eles estão a chorar, porque vem o pai e depois vai-se embora, e eles estão a chorar..."

Cartão 6

"3"

"Os ursinhos que estão a dormir. Oh!..Coitadinho, é tão fofinho!..Olha está sozinho. Olha amanhã, a mãe vai comprar este (aponta) que é muito lindo."

Cartão 7

"3"

"É o tigre...coitadinho do macaquinho!..o tigre vai morder o macaquinho porque ele não gosta dele..."

Cartão 8

"3"

"Olha!..o macaquinho com a mãe. Está a dizer ao macaquinho para não se coçar..."

Cartão 9

"3"

"Não sei o que ele está a fazer..."

Cartão 10

"4"

"Olha, os cães lindos!.. (acaricia o cartão). Olha!..amanhã a mãe vai comprar este (aponta para o mais pequeno)."

Análise do Protocolo CAT – J (2ª Aplicação)

Cartão 1 – Procedimentos:

Inicia a prova, com o isolamento da figura materna (OC 5), a sua narrativa fica cingida à temática da oralidade com recurso aos lugares comuns da vida quotidiana, fazendo referência à sua realidade pessoal (RE 2).

Problemática:

Surge aqui uma relação com uma imagem materna ausente. A qual evita através do recurso à evidência e referências pessoais. Podemos pensar que na falta ou ausência da internalização de um "objecto suficientemente bom", que lhe garanta uma coerência identitária e lhe confira capacidade continente e de suporte, existirá alguém que o alimenta. Este cartão dá conta da sua dificuldade, não só, para reconhecer uma figura materna cuidadora, mas também as experiências de frustração e gratificação a ela associadas.

Cartão 2 – Procedimentos:

Inicia com o recurso à evidência e apego ao conteúdo manifesto (RE 1). A relação entre os personagens não é reconhecida na sua triangulação, os personagens não se distinguem /diferenciam, existindo um anonimato de personagens (EI 2) e tendência recusa (EI 1).

Problemática:

Parece existir, um movimento de evitamento da diferenciação Eu/Outro sentida com grande angústia que não consegue suportar....e/ou uma procura de simbiose com um outro que ainda só lhe pode dar coisas boas, do qual depende e do qual, não se pode ainda separar.

Cartão 3 – Procedimentos:

Faz recurso a procedimentos que traduzem o recurso aos afectos através da expressão verbalizada de afectos (RA 1). A narrativa dá conta da existência, evocação de elementos ansiogénicos (EI 3) suscitados pelo conteúdo latente que evita, fazendo também, o isolamento da personagem leão, com a qual se identifica, bem como a escotomização da personagem rato (OC 8).

Problemática:

Perante a ausência de um objecto interno coeso, a problemática da força, da potência ligada a uma imagem paterna é reduzida a uma imagem desamparada, fragilizada. O sobre investimento do leão e a escotomização do rato dão conta de uma diferenciação identitária frágil. Ao confrontar-se com a sua impotência não a suporta e faz um deslocamento das características mais frágeis para o animal mais forte, com o qual depois se identifica. Este deslocamento dá conta de um desejo omnipotente e dificuldade de elaborar a sua fragilidade, dependência.

Cartão 4 – Procedimentos:

Inicia uma resposta fazendo uso de procedimentos que remetem para a descrição com apego aos grandes pormenores (OC 1) e recurso à evidência (RE 1). Faz ainda recurso aos lugares-comuns d vida quotidiana (RE 2), finalizando com um apelo dirigido ao clínico (RC 2), sustentado através da acentuação da tradução corporal dos afectos (RA 2).

Problemática:

Revela capacidade de discriminar claramente os três cangurus e de fazer a distinção grande/pequenos. Percebe também que os três animais são da mesma espécie. Esta resposta dá conta de uma base mais sólida em termos de coesão identitária. E apesar de fazer uso do nome de outros animais, não altera em nada o conteúdo latente do cartão.

Cartão 5 – Procedimentos:

Após um início descritivo, com apego aos pormenores (OC 1) a narrativa prossegue fazendo recurso aos lugares-comuns da sua vida quotidiana e ao conformismo (RE 2). No entanto, este cartão suscita uma relativa desestabilização com a introdução de personagens que não figuram na imagem (IF1) que evocam elementos ansiogénicos (EI 3) e que dão conta de fantasmas destrutivos, perante a aproximação libidinal do casal parental. Bem como de afectos depressivos que verbaliza (RA 1) e repete (OC 7).

Problemática:

Ao remeter para a cena primitiva e aproximação libidinal do casal parental, o cartão arrasta o fantasma destrutivo, e perante um cenário em que se sente excluído (cena primitiva), o seu interior é ameaçado por perseguidores externos, mal diferenciados. Expressa ainda, num

registo mais primário, uma vivência carêncial e de abandono/privação, cuja elaboração depressiva da falta ainda lhe é dolorosa.

Cartão 6 – Procedimentos:

Inicia a resposta com o recurso à evidência e apego ao conteúdo manifesto (RE 1). A narrativa prossegue com o recurso à expressão verbalizada de afectos (RA 1), que dão conta de uma vivência emocional de privação, arrastando um sentimento depressivo que tenta denegar (OC 6) com a introdução de personagens (IF 1) e ligações arbitrárias (OC 10), como tentativa de protecção face ao impacto emocional do sentimento de privação. Uma vez que pressupõem na criança a capacidade de se colocar fora do campo perceptivo, pode estar relacionado com o preenchimento maníaco que remete para a solidão.

Problemática:

A denegação e recusa do casal parental que não se diferencia do urso filho, dão conta de uma dificuldade de se posicionar excluído, da cena primitiva. Remetendo para dificuldades na triangulação.

Cartão 7 – Procedimentos:

Inicialmente faz um isolamento (OC 5) da personagem tigre e recorre à expressão verbalizada de afectos (RA 1), que condensa elementos de formação reactiva (OC 3). A narrativa revela também a (de) negação (OC 6) de uma voracidade/agressividade oral, que sendo sentida como ameaçadora para a sua identidade, está saturada de fantasmas destrutivos.

Problemática:

Neste cartão, a sua agressividade oral parece ter necessidade de ser controlada através do recurso a elementos de formação reactiva. A agressividade é restringida "vai morder...", não "vai comer...". A agressividade é negada, afastada, a fantasia remete mais uma vez para um afastamento, abandono.

Cartão 8 – Procedimentos:

Após um apelo dirigido ao clínico (RC 2) faz uma escotomização dos restantes personagens da cena familiar (OC 8) isolando a díade mãe-filho (OC 5), remete para uma situação de interdito superegóico, utilizando elementos de tipo formação reactiva (obediência) (OC 3).

Problemática:

O conteúdo latente deste cartão remete para a culpabilidade associada à curiosidade e à transgressão na relação pais-filho. Ao ser convidado a situar-se nas relações familiares, vai fazer um isolamento do pólo relacional dual mãe-filho, em que a relação se fixa no interdito, e nas leis superegóicas face aos desejos de transgressão.

Cartão 9 – Procedimentos:

A restrição através de um olhar rápido e descritivo da cena é predominante (EI 1 e EI 2).

Problemática:

Ao remeter para uma problemática de solidão e/ou abandono, o afecto depressivo ligado à perda do objecto é evitado através do evitamento das representação e do afecto, dando ênfase a modalidades da ordem da acção, do fazer...como tentativa de se adaptar à solidão, num registo mais primário. Mas também podemos pensar neste evitamento, como forma de escamotear as pulsões sexuais ligadas à curiosidade sexual, masturbação, que aparece ainda de uma forma auto-erótica.

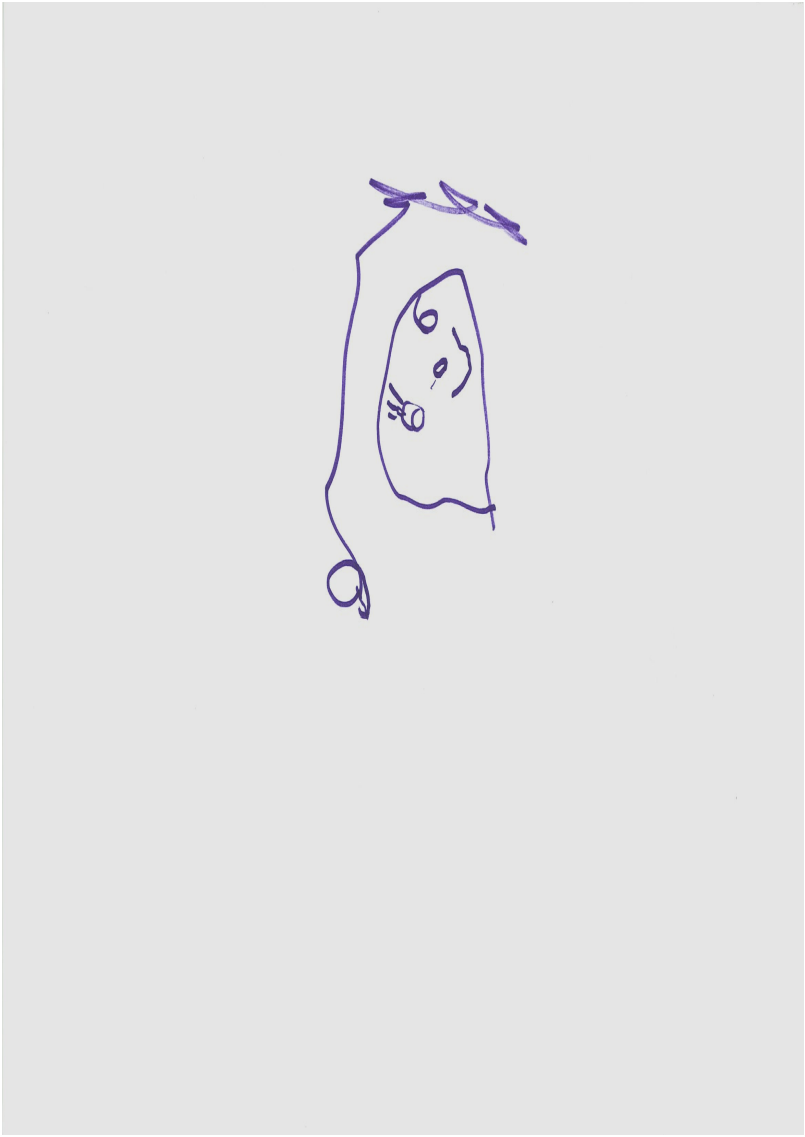
Cartão 10 – Procedimentos:

Inicia este último cartão com uma entrada directa na expressão verbalizada de afectos (RA 1) ampliada pela acentuação da tradução corporal dos afectos (RA 3), faz um apelo ao clínico (RC 2) e introdução de personagens que não figuram na imagem "mãe" (IF 1) de forma a manter uma anterior ligação arbitrária (OC 10) como forma de solucionar o conflito suscitado pelo cartão.

Problemática:

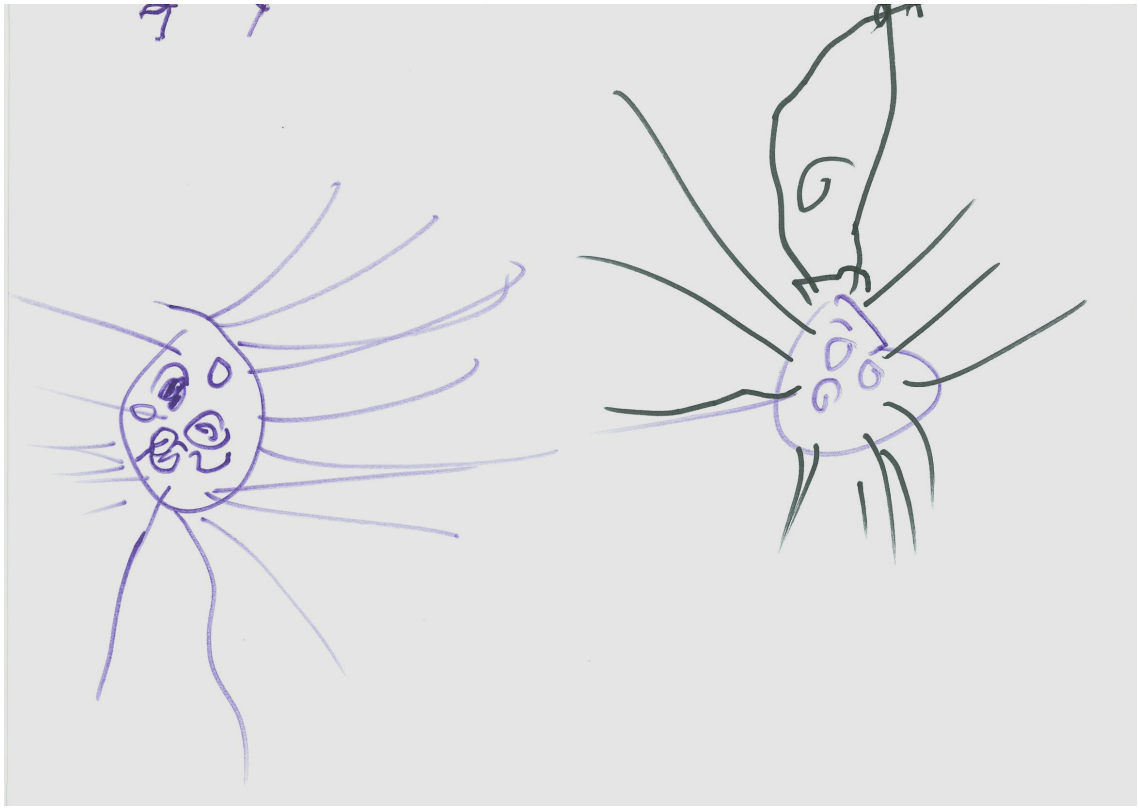
Neste cartão, os personagens não estão claramente diferenciados geracionalmente. A agressividade contra a imagem materna parece difícil de negociar numa relação mias próxima. O clínico é tido como testemunha. A recusa/evitamento da representação de uma imagem materna agressiva, frustrante e abandónica dá lugar à representação de uma imagem materna gratificante, que suprime a sua agressividade oral.

Desenho livre (1 – 2ª aplicação) – ANEXO 18



Desenho livre (2 – 2ª aplicação) – ANEXO 19

Desenho da Família Real (2ªaplicação) ANEXO 20



Desenho da Família Imaginária (2ªaplicação) ANEXO 21

Caso Clínico 2 - L

Sessões de Psicoterapia

2ª Sessão – 11 de Janeiro 2007

P – " Por onde começamos?.."

L – " Não sei, não tenho assim nada de especial para falar... (baixa a cabeça)"

P – " Sabes, Este espaço é teu, e aqui tu podes falar sobre aquilo que te fizer sentido, por isso tudo aquilo que tiveres para dizer ou que quiseres partilhar é sempre especial para mim..."

L – " Ontem foi a reunião na escola. Tenho aqui a folha do director de turma. (Mostra-me a folha). Tive seis negativas e não posso dar mais faltas a matemática, se não chumbo o ano..."

P – " Pareces preocupado...podemos falar sobre isso..."

L – " A minha mãe foi à reunião e ficou muito chateada comigo...O meu professor falou umas coisas, sobre faltar às aulas e assim...Houve pancadaria lá em casa, a minha irmã Felipa passou-se quando ficou a saber das notas. Mas agora os testes que fiz estão melhores. E já não falto mais às aulas..."

P – " Parece-me que estás empenhado a ter melhores resultados na escola. Isso é bom. É sinal que começas a estar mais disponível para conhecer outras coisas, diferentes das que vives em tua casa...Sabes às vezes quando estamos tristes e nos sentimos desamparados, não nos interessamos pelas coisas que vêm de fora. Pois podem ser sentidas como uma ameaça, um perigo..."

L – " Sim... (Baixa a cabeça...)... (silêncio)...Sabe, antes de ontem o meu pai foi lá a casa, à casa da minha mãe. E estava bêbado!..a minha mãe não queria que ele nos tivesse descoberto, ficou com medo...já era de noite, nós estávamos deitados e ele começou a tocar à campainha...eu vi logo que era ele...tocou, tocou, eu fui ao intercomunicador e disse-lhe que estávamos a dormir, para ele parar com aquilo. A minha irmã Felipa não quer que ele apareça lá em casa...se ela lá estivesse, nada disto teria acontecido..."

P – " Pois a tua irmã protege-vos muito não é?.."

L – " Sim..."

P – " Mas tu também foste muito firme. Tomaste conta da tua casa...deste limites, mostraste as regras..."

L – “ Sim...eu tinha que fazer alguma coisa...”

P – “ Parece-me que ficaste preocupado...e triste...”

L – “ Sim!..Por um lado, estou contente porque estou a portar-me melhor na escola, mas por outro estou triste, porque o meu pai não pára de beber, sinto a falta dele...às vezes também sinto a falta dos meus primos. Por causa do meu pai, os meus tios podem separar-se. Ele está sempre a pedir dinheiro à minha tia (irmã do meu pai) e o meu tio já disse à minha tia que se ele lhe voltasse a dar dinheiro que ele se ía embora...mas mesmo assim a minha tia dá-lhe dinheiro para o vinho às escondidas...se o meu tio descobre...O meu pai mente muito, diz que vai trabalhar, mas é mentira. Vai beber, uns amigos meus já o viram num café a beber...depois liga à minha mãe, chora, pede para ela voltar para ele...mas ele não pára de beber...”

P – “ Pareces muito preocupado com o teu pai...e pareces sentir a sua falta...”

L – “ Sim...às vezes fico a dormir em casa dele. Outras vezes fico em casa d minha mãe. Quando a minha mãe está sozinha tenho que ficar com ela.”

P – “ Provavelmente sentes que a tua mãe precisa de protecção...Estava a pensar L. Se aqui comigo já te sentirás mais protegido?..”

L – (Sorri...baixa a cabeça...) “ Sim...”

Comentários:

É impossível não empatizar com o sofrimento do L. Que embora vivendo um profundo caos afectivo, ainda é capaz de ter consciência mórbida, e lutar pela sua saúde mental, fazer novos investimentos, na escola e também aqui comigo.

Sinto que começo a ter um lugar nele. Quando falei com a mãe, esta contou-me que lhe deu uma forte tareia, que se descontrolou, por causa das mentiras dele, durante a sessão também senti que havia algo que ainda não se sentia à vontade para partilhar comigo...Segundo a mãe, o L. Disse-lhe que me ía contar tudo, mas mais uma vez defendeu-a, talvez da minha ira, por ele fantasiada. Penso que começa a poder confiar em mim, que eu estou ali para ele, para o defender desta forte carga destrutiva que invade toda esta família.

3ª Sessão – 18 de Janeiro 2007

No decorrer da sessão conta-me um sonho...

L – “ Hoje sonhei com lagartos...”

P – “ Queres contar-me esse sonho?..”

L – “ Haviam uns lagartos, que queriam atacar as pessoas, havia uma menina que estava a descer uma rampa e um lagarto mordeu-lhe o pescoço. Eu acordei e pensei que a menina era a minha sobrinha. Fiquei muito assustado. Logo, quando acordo, penso sempre que é realidade. E fico muito assustado...”

P – “ Como se a realidade e os pesadelos se confundissem...”

L – “ Sim, penso sempre que é realidade. Depois quando já estou mais desperto vejo que não é. E fica tudo bem...Ás vezes tenho pesadelos com a minha mãe, em que existe algum homem que a quer matar...eu acordo a pensar que é realidade e agarro na minha caçadeira a brincar e começo à luta...”

P – “ À luta com os teus fantasmas...Estava a pensar que também na realidade que vives existe muita agressividade, se calhar a distância entre os teus pesadelos e a realidade que aqui me tens contado, por vezes pode ser sentida por ti como se tivessem ambas muito próximas...”

L – “ Sim, também tem muita agressividade...no outro dia, quando cheguei da escola a minha mãe ainda não tinha chegado a casa, atrasou-se e eu fiquei com muito medo, que lhe tivesse acontecido alguma coisa...depois, quando ela chegou, fui abraça-la com medo...”

P – “ Medo?..”

L – “ Sim, medo que o meu pai tivesse aparecido e lhe tivesse feito mal...”

P – “ Tal como nos teus sonhos...”

L – “ Sim, às vezes costumo acordar mais cedo, por causa dos meus sonhos. Depois não consigo voltar a dormir, tenho medo de voltar a sonhar a mesma coisa. Às vezes vou para a cama da minha mãe, acordo com um pesadelo, chamo-a e ela diz para ir ter com ela. Só não vou sempre, porque ela não ia querer... tenho um sonho muito agitado. Quando tenho pesadelos, com a raiva começo a andar à porrada enquanto durmo.”

P – “ Com quem é que andas à “porrada” nos sonhos?”

L – “ Não sei...”

P – “ Estava aqui a pensar, porque será que tens esses sonhos?”

L – “ Não sei...”

P – “ Por um lado, esses sonhos, parecem estar muito próximos da realidade que vives, daquilo que me tens contado...”

L – “ Sim...Tenho sonhos em que o meu pai mata a minha mãe. E quando o meu pai vai à minha casa, tenho medo que ele volte a fazer mal à minha mãe...”

P – “ Pareces preocupado com a tua mãe. Deve ser difícil para ti lidar com tanta agressividade, vivida e sonhada...”

L – “ Já estou habituado. Sempre foi assim...vivo mais calmo agora com a minha mãe e com a minha irmã Verónica. Por um lado, acho que a minha mãe fez bem em sair de casa, mas por outro lado, preferia que estivéssemos todos juntos...gostava que todos se dessem bem...”

P – “ Pareces um mensageiro da paz...”

L – “ Sim, mas também me zango...”

P – “ Ainda bem, é sinal que és humano...todos nós, por vezes, nos zangamos. Estamos a defender-nos...”

Comentários:

O L. Tem vindo a verbalizar o seu sofrimento, tem vindo a partilhar aqui comigo a sua realidade interna. Demonstra um sentimento de grande desamparo familiar, vive angústias de morte, com pesadelos à noite, que parecem confundir-se com a realidade. São recorrentes sonhos, carregados de violência, inclusive chega a sonhar que o pai mata a mãe. Por vezes sente que os pesadelos são a própria realidade e debate-se para se defender. As sucessivas ameaças de morte que o pai faz à mãe e não só, são também exemplo disso mesmo. Temos trabalhado, também a imagem interna deste pai, vê-lo inteiro, com as suas coisas boas e más. A separação dos pais, é sentida pelo L. Com grande ambivalência. O L. Começa a desenvolver uma capacidade para discriminar as coisas internas e reais que se passam com ele e para as pensar. A relação terapêutica tem vindo a crescer, começa a ser capaz de partilhar vivências e afectos extremamente penosos aqui comigo, sente que precisa de alguém que o oiça e o ajude a pensar o impensável. É essa sua parte mais saudável, que começa agora a lutar por um maior espaço dentro de si.”

4ª Sessão – 1 de Fevereiro 2007

L – “ A minha vida está outra vez mais complicada... (ar triste e preocupado)”

P – “ Eu estou aqui para te ouvir, se quiseres falar sobre isso comigo...”

L – “ A minha mãe partiu o braço. Fomos ao Centro comercial, estávamos a atravessar a rua, mas estávamos na paragem de táxis, um carro começou a andar, a minha mãe assustou-se, tropeçou e caiu de lado. Começou a sentir-se mal e uma senhora que estava lá perto chamou uma ambulância, ela foi ao hospital e lá viram que a minha mãe tinha o braço partido. Agora sou eu que faço a comida lá em casa...faço tudo, a minha mãe não pode mexer o braço...”

P – “ Parece que existe mais uma vez uma troca de papéis em casa...estás a ser uma espécie de mãe para a tua mãe...deve ser complicado...mas por outro lado, estás a conseguir assumir uma grande responsabilidade, demonstra que estás a crescer e vais conseguindo organizar a tua vida perante os obstáculos que te surgem...”

L – “ Sim... (responde mais animado...)...Mas tenho andado preocupado. Tenho sonhado muito, com a minha mãe, tenho medo que assaltem a nossa casa e que lhe façam mal...agora com o braço assim, não se pode defender...”

P – “ Sentes que ela está mais frágil?..”

L – “ Sim...mas se alguém assaltar a casa, vou buscar o martelo e parto-lhe a cabeça...”

P – “ Mas quem achas que poderia lá entrar?..”

L – “ Os ciganos e os drogados...às vezes quando venho da escola, eles perseguem-me a mim e aos meus colegas, querem dinheiro. Depois dizem: “amanhã quero 5 € senão...espeto-te uma faca no pescoço...” Eu digo que sim, que amanhã lhe dou o dinheiro, mas depois quando saio das aulas vou a correr para casa e se me apercebo que estou a ser perseguido, despisto-os ou então passo por uma rua onde esteja a policia, eles assim, não me fazem mal...”

P – “ Consegues defender-te...”

L – “ Sim...antes de ontem o meu pai foi lá a casa, eu já conheço o toque dele...ele toca sempre com muita força, e a minha mãe com medo deixa-o entrar... (ar de desaprovação). Eu depois fui também a casa dele, estavam lá os meus primos...mas fui de surpresa. Gosto de aparecer de surpresa, para saber o que ele anda a fazer...ele começou outra vez a dizer as mesmas coisas de sempre: que se um dia chega a casa dele e tem as suas coisas à porta, mata a minha mãe...”

P – “ Estava a pensar que toda essa agressividade representa muito aquilo que tens sonhado, que aparece alguém, de surpresa, e que faz mal à tua mãe...muitas vezes os nossos sonhos representam os nossos medos e parece-me que agora estás muito preocupado com a segurança da tua mãe...estava aqui a perguntar-me se aqui te sentes protegido por mim?..”

L – “ Sinto. (Sorri...)...às vezes penso que os meus pais podem morrer, o que será de mim?.. As minhas irmãs estão quase casadas...e quando olho para o braço da minha mãe, penso que ela pode morrer...o meu pai também, por causa da bebida...”

P – “ A morte é uma ideia que assusta muito as pessoas, sabemos que todos nós vamos morrer um dia, que as pessoas de quem gostamos podem morrer e isso é muito doloroso. Mas agora eles estão vivos. E tens outras pessoas, tens também as tuas irmãs, que mesmo estando casadas continuam a gostar muito de ti, tens este espaço e tens-me a mim, para falar e para pensar sobre o que te faz sofrer...”

L – “ Sim... (sorriso)”

Comentários:

O L. Carrega consigo muita dor, muito sofrimento. Só no final da sessão consegue verbalizar o que tem sentido, fala no medo de perder a mãe, a sua angústia de morte e no medo de ficar sozinho e desamparado. A sua angústia de morte e o medo de perder a mãe parecem resultar dos sucessivos maus-tratos por ele presenciados e vividos. Revelando muito a fragilidade desta mulher e incapacidade para tomar conta de si e se proteger, emergindo uma sensação de profundo desamparo. Penso que o L. Também poderá estar a ficar cansado deste “estar em perpétua vigilância”, diurna e nocturna, pois na sua fantasia pode ser surpreendido por alguém que deveria ter um papel protector – um pai. O seu mundo interno está intoxicado de tanta violência e agressividade da qual tem sido difícil desembaraçar. Penso que também se questiona acerca do seu lugar no mundo psíquico e afectivo destes pais, e quem será capaz de o conter, se eles desaparecerem ou se ele continuar a senti-los frouxos, longe psicologicamente...será a terapeuta?

8ª Sessão – 30 de Março 2007

L – “ (...Suspira...) As coisas em casa estão por um lado bem, e por outro mal...o meu pai continua a beber...e a mentir...pede dinheiro à minha mãe, inventa uma história e depois descobrimos que ficou toda a tarde e noite no café a beber...”

P – “ Sentes-te decepcionado por isso?..”

L – “ Sim...”

P – “ Parece que continuas muito preocupado com os teus pais, como se não existisse muito espaço dentro de ti para pensares nas tuas coisas, na escola, nos teus amigos, na descoberta de coisas novas...”

L – “ A minha mãe foi à escola...conseguiu justificar algumas faltas...vou ter negativa a história. Não pesco nada de história...quando se põem a falar de reis, de Afonso Henriques, pronto...”

P – “ Porque será?..”

L – “ Não sei, não gosto de história, não percebo nada daquilo. No máximo acho que vou ter três negativas...mas se chumbar, a minha mãe já disse que não se importa...”

P – “ E tu?”

L – “ Eu gostava de passar de ano, continuar na mesma turma, como a minha namorada.”

P – “ Parece que já te senti mais motivado, mais disponível para as coisas que vêm de fora e por isso mesmo, diferentes daquilo a que estás habituado...”

L – “ De vez enquanto, tenho sonhos em que o meu pai mata a minha mãe. No outro dia, sonhei que a minha mãe tinha sido atropelada...também tive um sonho em que alguém esfaqueia a minha mãe e depois, me ia esfaquear a mim também...mas acordei...”

P – “ Acordaste a tempo. Salvaste-te e não morreste. E nessas alturas, quando tens esses sonhos, o que sentes? O que pensas?”

L – “ Penso que todos morrem, menos eu...que fico sozinho...Uma vez tive um sonho, em que tinha havido um Tsunami, todas as casas tinham sido destruídas, menos a minha, só ficou a minha casa de pé...só ficou o 6º andar (onde moro) então estava tudo destruído...fui à porta e ia caindo, porque não havia mais nada...”

P – “ Como se estivesses suspenso...”

L – “ Sim...”

P – “ Sabes, estava aqui a pensar, que mesmo que o teu mundo interno é forte, que mesmo se existir um tsunami muito violente, tu consegues reunir esforços e sobreviver...Sabes às vezes sinto que tens uma grande vontade de que alguma coisa mágica aconteça, que faça mudar tudo à tua volta...”

L – “ Sim, se pudesse mudava o mundo. Mudava tudo...”

P – “ Estava aqui a pensar, que talvez desejasses que as coisas à tua volta se transformassem...”

L – “ Sim, gostava que o meu pai parasse de beber, que a minha mãe e o meu pai voltassem a ficar juntos novamente.”

P – “ Então sonhas com a morte deles...como se só a morte pudesse trazer consigo uma nova esperança...qualquer coisa nova...um novo começo...”

L – “ Sim...uma vez perguntei à minha mãe, porquê que as pessoas morrem, mas ela não me soube responder...”

P – “ E tu, o que pensas disso?”

L – “ Não sei, às vezes gostava que se acontecesse alguma coisa, só eu e a minha mãe sobrevivíamos...ah!..e também outras pessoas...também tenho pena dos cegos...ainda agora no metro vi uma senhora cega que andava a pedir esmola...tive pena dela, ela precisa que os outros lhe digam o caminho, se não perdesse.”

P – “ Estava a pensar que também tu precisas que alguém te ajude a tomar o sentido da tua vida, e que esteja ao teu lado nessa caminhada...eu poderei caminhar ao teu lado...”

11ª Sessão – 15 de Junho 2007

Falei inicialmente, com a mãe do L. Esta mostrou-se muito preocupada com o L. por ele estar a chumbar por faltas...que se põe em situações de risco, que vai brincar com os amigos e não lhe diz para onde vai, e que chega muito tarde a casa...

Na sessão com o L. abordei a necessidade de se colocar em situações de risco. Tem por hábito ir brincar para um pátio frequentado por toxicodependentes, digo-lhe que deve estar muito zangado com os pais, parece querer castigá-los...O L. concorda. Depois estabelecemos uma associação entre estes comportamentos e a culpa que sente, que o leva a viver os medos de que me tem vindo a falar (medo da morte de ambos os pais e dele próprio...). Parece que o L. sente uma grande necessidade de castigar os pais, sobretudo a mãe, mas como não aguenta a culpa, deixa-se invadir pelos medos, angústias de morte como forma de se auto punir...

13ª Sessão – 24 de Setembro 2007

Foi a primeira sessão depois das férias...

O L. faltou na sessão anterior, a mãe telefonou a avisar que o L. não iria à sessão porque iria com a mãe ao tribunal. O pai do L. tinha agredido a mãe novamente e esta tinha que comparecer em tribunal para formalizar a queixa.

O L. aparece com um ar triste, inicia a sessão a falar da sua preocupação com o pai, e com a mãe. Conta-me o que se passou relativamente ao episódio em que a mãe é brutalmente agredida pelo marido (embora vivam em casas separadas, ainda não foi formalizado o divórcio), à porta de sua casa. Revela uma grande preocupação e parece estar mentalmente intoxicado com esta violência que se repete. Está hiper vigilante, e tenta proteger a mãe avisando-a dos riscos que corre. Tenta impedir a mãe de sair de casa, parecendo intuir que esta correria perigo. A mãe é surpreendida perto de casa pelo marido que a agride brutalmente.

Fala no seu primeiro dia de aulas mas revela pouca motivação para este contexto externo, e pouca disponibilidade mental para aprender.

Sinto que quando está ali na sessão se permite, pelo menos parcialmente pensar em si na sua vida, porque se sente protegido e amparado. Embora exista uma outra parte que, ainda está muito permeável a este ambiente e dinâmica familiar confusa violenta e pouco securizante. Esta mãe é sentida pelo L. como uma mãe que não consegue proteger o seu filho, nem mesmo a ela própria. Mas apesar do L. manifestar por variadíssimas vezes um grande desejo

de proteger e cuidar desta mãe, existe uma grande ambivalência interna, uma vez que também o L. não mede os riscos para si e repete este modelo relacional. Faz-me pensar que de certa forma se possa sentir mais próximo de ambos os pais. No entanto quando lhe mostro uma outra realidade, diferente, um espaço onde pode ser acolhido, este parece ter dificuldades em reconhecer e aceitar.

19ª Sessão – 15 de Janeiro 2008

Aplicação do Teste do Desenho

Desenho Livre (1ª Aplicação) – ANEXO 22

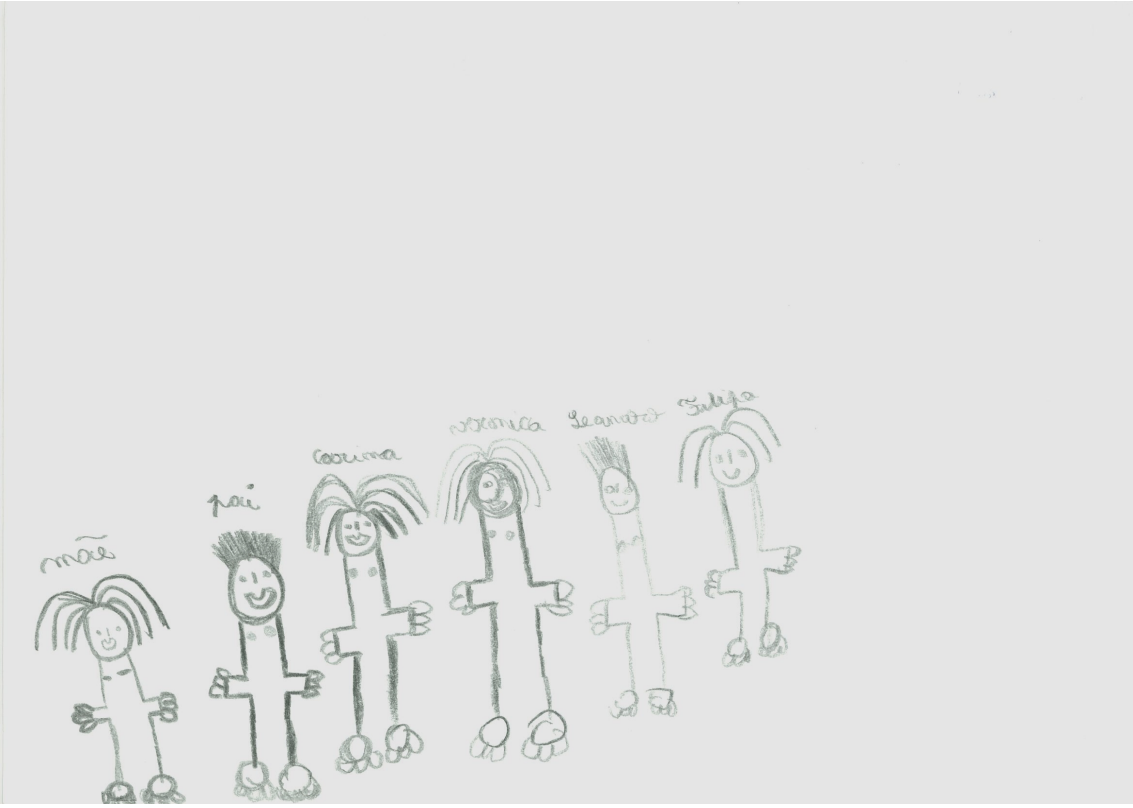
<u>História do Desenho do Desenho Livre</u>

"Casa, janelas, telhado...

É o meu irmão, o meu pai e a minha mãe. Houve um incêndio na casa do vizinho da frente e havia muito fumo. O fumo começou a entrar na nossa casa e a minha mãe chamou o meu pai e vimos a casa toda a arder. O filho do meu vizinho trazia a camisola também a arder e nós fomos para a rua, porque o fogo já estava a começar a entrar em nossa casa. Ficámos lá uma

ou duas semanas. O meu pai foi trabalhar para conseguir ganhar dinheiro para conseguir uma casa nova para nós. Vimos uma casa que custava 9 milhões de euros, que era o dinheiro que o meu pai tinha...Mas ainda estavam lá a viver umas pessoas, que iam sair às 16h, porque iam para o Algarve viver. Eu estava com a minha cadelinha e nós íamos viver na casa nova que vou agora desenhar...”

Desenho da Família Real (1ª Aplicação) – Anexo 23



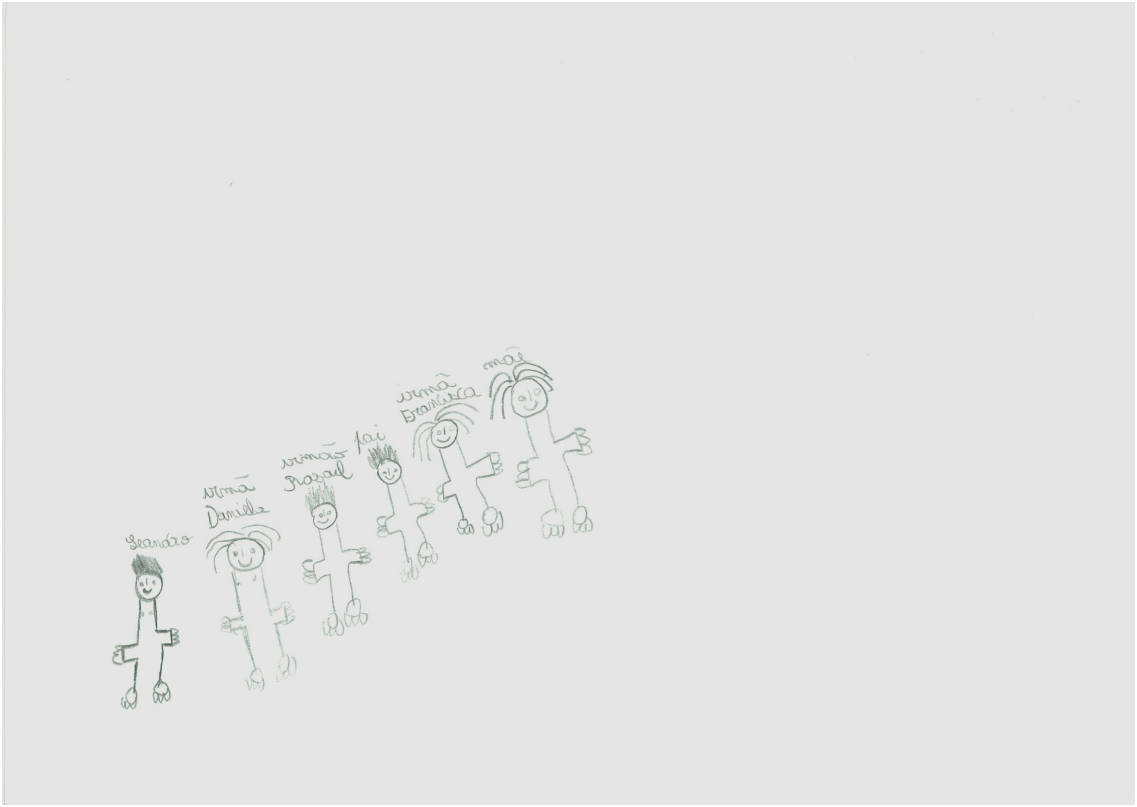
<u>História do Desenho da Família Real:</u>

“ Estávamos todos juntos no Natal. Abrimos as prendas...eu às vezes sonho com isto!..ganhei aquilo que desejava, ofereceram-me uma playstation e à minha mãe oferecemos uma jarra e à minha irmã uma máquina de café...e depois foi a passagem de ano...e tudo acabou bem e o meu pai e a minha mãe no final deram um beijinho, porque tinham feito as pazes...”

P- “ Imagina que iam todos dar uma volta de carro, mas que o carro não tinha lugar para todos. Quem não ia passear e ficava em casa?”

L – “ Quem não ia passear era eu, ficava em casa, olha!..Depois podia ir noutro dia...eu ficava a abrir as prendas...”

Desenho da Família Imaginária (1ª Aplicação) – Anexo 24



<u>História do Desenho da Família Imaginária:</u>

" É uma história triste...

Íamos todos, numa carrinha de 7 lugares, o meu pai ia a conduzir e eu e o meu irmão íamos atrás. Eu e os meus irmãos estávamos a comer, pedimos batatas fritas à minha mãe, ela foi buscá-las ao saco da comida. Depois pergunta também ao meu pai se ele também quer comer batatas, ele diz que sim, que também quer uma. Depois os meus pais querem ir beber café. A minha mãe foi à procura do dinheiro e não encontra e pergunta ao meu pai, e começam os dois a discutir: " Quem tirou o dinheiro da minha carteira?.." E eu disse para o meu irmão: " Bora lá mandar calar os pais..." Depois o meu pai vira-se para trás e diz-nos: " Não vez que é a tua mãe que está sempre a discutir..." entretanto não olha para a estrada e vai contra um poste. Tivemos um grande acidente, morreram todos, só fiquei eu, embora ferido. Fiquei ali sozinho, Abandonado..."

P – " E nessa família, se não houvesse lugar no carro, quem ficava em casa e não ia passear?"

L – " Ficava o meu irmão...ele dava-me o lugar dele..."

20ª Sessão – 7 de Fevereiro 2008

Aplicação do TAT (1ª aplicação)

Protocolo TAT – L (1ª Aplicação)

Cartão 1

"7"

"Ele estava na sala e depois começaram todos a gozar comigo e mandaram-me com borrachas e lápis. E depois a professora mandou-me tocar isto (é um violino não é?) e eu não sabia e começaram todos a gozar comigo...e depois...é só isso..."

Cartão 2

" 6"

" Eu estava em casa e tinha uma quinta e fui cultivar e depois apareceu uma nave espacial e apareceram uns extraterrestres e começaram a destruir a plantação e mandaram tiros...morreram todos e só ficou um. A minha casa começou a arder e as minhas irmãs e a minha mãe morreram as três, e só fiquei eu."

Cartão 3 BM

"4"

"Estava na escola e tinha acabado as aulas. Depois fui para casa e fui fazer os trabalhos de casa. Comecei a fazê-los, mas fiquei com sono. A minha mãe quando chegou a casa disse para eu fazer os trabalhos de casa que tinha para fazer, e eu fui fazê-los e depois quando acabei voltei a dormir, e passados uns minutos, a minha casa começou a destruir-se e a minha mãe disse: " pega nas tuas coisas, que temos que ir embora, e nós fomos embora...e pronto."

Cartão 4

"4"

"Este, foi quando a minha mãe se separou do meu pai. O meu pai tinha batido outra vez na minha mãe e eu era um pouco mais velho e fomos embora da casa. Ela contou-me o que se tinha passado, e eu fui falar com o meu pai. Ele pediu-me desculpas...disse que tinha bebido e eu perguntei-lhe: " achas bem o que fizeste?" e ele perguntou: " o quê? O quê?", e eu disse-lhe que ele não devia voltar a bater na minha mãe e disse-lhe que ele devia convidar a minha mãe para ir a um restaurante, para conversarem melhor os dois. Eu também ia. Começaram a discutir e o meu pai ia outra vez bater na minha mãe, mas eu não deixei."

Cartão 5

“ 2”

“ Eu tinha acabado de chegar da escola, mas a minha mãe ainda não tinha chegado a casa. A Directora de turma tinha ligado à minha mãe a dizer que eu tinha faltado às aulas, e quando a minha mãe chegou a casa disse-me o que a directora de turma lhe tinha contado e disse-me que ia ligar à minha irmã a contar-lhe que eu andava outra vez a faltar às aulas...eu pedi-lhe que ela não ligasse e ela combinou comigo que não contava nada à minha irmã se eu me portasse bem e fizesse os trabalhos de casa. Eu prometi que me ia portar bem e que não voltava a faltar às aulas e correu tudo bem.”

Cartão 6 BM

“3”

“ Eu, a minha mãe e a minha irmã, tínhamos ido jantar fora. Quando estávamos já a terminar de comer aparece um homem que queria falar com a minha mãe. A minha mãe foi falar com ele lá para fora e ele contou-lhe que se tinha enamorado por ela e perguntou-lhe se ela tinha namorado, ela respondeu-lhe que não. Ela depois contou-nos o que ele lhe tinha dito e nós perguntámos porquê que ele lhe tinha dito aquilo, e ela respondeu-nos que ele gostava dela e que se queria divorciar da mulher para namorar com a minha mãe.”

Cartão 7 BM

“ 3”

“ Estava eu e o meu pai em casa dele. Ele estava a perguntar onde estava a minha mãe, eu disse-lhe que ela estava a trabalhar. Ele disse-me para lhe perguntar se ela queria fazer as pazes com ele ou não...e também me perguntou se as minhas irmãs têm ido lá a casa. Depois fomos os dois à casa da minha tia, e o meu pai prometeu que não ia beber mais. Mas quando cheguei a casa dele no dia seguinte, ele estava outra vez bêbado e eu fui-me embora, ele queria levar-me a casa mas eu não quis. Mas ele seguiu-me, e no outro dia, quando fui à escola, ele foi ter com a minha mãe. O meu pai começou a tocar à campainha e a minha mãe abriu-lhe a porta, ele subiu, quando a minha mãe viu que era ele, tentou fechar a porta, estava com medo. Mas o meu pai consegue arrombar a porta e disse: “ não vai a bem, vai a mal...”. Quando cheguei a casa a minha mãe estava estendida no chão.”

Cartão 8 BM

“4”

“ Estava em casa sozinho. A minha mãe e as minhas irmãs estavam em casa da minha irmã Felipa e estavam sozinhas. Depois, apareceu à porta da minha casa um homem que queria falar comigo. Ele depois foi a casa da minha irmã, com mais seis amigos. Bateram à porta de casa da minha irmã, a minha irmã perguntou quem era, e ele respondeu: “sou eu...”. Ela pensou que era alguém que conhecia e abriu-lhe a porta, ele apontou uma navalha à minha irmã e depois mandou-as sentarem-se no sofá e disse-lhes: “ dispam-se e fiquem deitadas no chão!”, depois mataram-nas com a navalha. (...) Mas claro, que se eu tivesse lá isso não tinha acontecido...”

Cartão 10

“ 3”

“ Eu estava em casa com o meu pai e com a minha mãe. Eles estavam chateados e a minha irmã dormia com a minha mãe. O meu pai, para fazer as pazes com a minha mãe, foi fazer o pequeno-almoço. E a minha mãe disse-lhe: “ Estás a fazer isso, porque estás a preparar alguma...”. A minha mãe foi às compras e eu fui com ela. Depois os meus pais foram falar para o meu quarto, e o meu pai perguntou-lhe se ela queria fazer as pazes. A minha mãe disse: “ Mas prometes, que não bebes mais?” e ele disse: “ prometo!..”. E pronto ficou tudo bem.”

Cartão 11

“5”

“ Nós tínhamos ido escalar uma montanha (eu, a minha mãe e irmã), começamos a trepar e estava um homem lá em cima com um pau. O homem disse: “ já não aguento mais...”, a minha mãe disse: “aguenta mais um pouco...”, mas ele não conseguia aguentar mais e caiu e morreu. A minha mãe e irmã tinham umas pedras mais afiadas e começaram a trepar...a minha mãe disse: mais rápido Verónica, se não, as pedras caiem-nos em cima.”. Depois as pedras começaram a rachar e elas caíram e morreram as duas.”

Cartão 12 BG

“ 4”

“ Estávamos (eu e a minha mãe) num barco, no mar...estávamos com fome, e encostamos o barco e vimos uma árvore com amoras, mas estavam envenenadas e nós não sabíamos. Partimos uma amora ao meio e começamos a comer, depois começamos a ver mal, por causa

do veneno e desmaiamos. Entretanto, não nos apercebemos mas o barco estava a ir com a corrente e estávamos muito perto de uma cascata e o barco começou a cair. Mas ficamos presos por numa pedra. Eu queixava-me com dores no braço e a minha mãe queixava-se com dores na perna. Como nós não conseguíamos fazer força caímos e morremos afogados."

Cartão 13 B

"3"

" Estávamos todos em casa. Íamos todos sair, mas não cabíamos todos no carro. Eu como era mais pequeno e baixinho ninguém me conseguia ver, estava escondido. O meu pai disse: "quem vai, levanta o braço". Como ninguém me viu, fiquei sozinho em casa toda a noite. E quando eles voltaram já eram 2horas da manhã e eu tinha saído de casa. Como não estava lá ninguém fui para outro sítio."

Cartão 19

"5"

"Estávamos todos em casa. A nossa casa era barco-casa. Estava no mar. Era de noite e estávamos todos a dormir. Mas havia um barco mais pequeno com um homem, que era inimigo do meu pai e que há muito tempo o queria matar. Esse homem conseguiu entrar no nosso barco e pegou fogo aos lençóis das nossas camas. Quando o meu pai acordou, mandou-nos ir para a água e entretanto eles tinham ficado no barco e o barco explodiu. Eles morreram todos e só fiquei eu."

Cartão 16

"4"

" Branco?.. (sorri). (...) Estávamos todos em conjunto na rua, estava um dia de verão, fomos todos para a praia e quando chegámos pusemos logo protector solar. Eu e a minha prima fomos logo para a água. Eu fui para muito longe e veio uma onda, que nos levou para o outro lado. Não sabíamos da nossa família, e começou a chover. Veio uma onda muito grande, era um tsunami e levou-nos a mim e à minha prima, para as rochas... mas depois, veio outra onda e levou-nos para a estrada. E encontrámos a minha tia.

Análise do Protocolo TAT – L (1ª Aplicação)

Cartão 1 – Procedimentos:

Este cartão é o 1º cartão da Prova TAT, ao nível do conteúdo manifesto representa um rapaz, com a cabeça entre as mãos, que olha para um violino colocado à sua frente. Ao nível da solicitação simbólica, remete para a identificação com um jovem numa situação de imaturidade funcional, confrontado com um objecto que pode ser considerado como um objecto adulto[13].

Após a entrada directa na expressão (B2 1) a sua narrativa é construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1) e de um conflito intrapsíquico (A2 17), na qual sente necessidade de introduzir personagens que não figuram na imagem (B1 2) e usar referências pessoais (C/N 2) que permitem a expressão do seu conflito intrapsíquico. Tendo o clínico um papel de testemunha (C/C 2).

Problemática:

Este cartão parece provocar alguma desestabilização psíquica, na medida em que perante o reconhecimento da sua angústia de castração (potência/impotência), o reconhecimento da imaturidade actual da criança face a um objecto adulto e a possibilidade, ao mesmo tempo, de o desejar, provocam sentimentos de impotência, humilhação, ligados aos afectos depressivos.

Cartão 2 – Procedimentos:

Este cartão representa uma "cena campestre", com três personagens: uma rapariga que segura livros, e num segundo plano um casal de camponeses, um homem com um cavalo e uma mulher encostada a uma árvore, que pode ser percebida como estando grávida. Ao nível do conteúdo latente, remete para a relação triangular figurada através das três personagens, cuja diferenciação geracional não é evidente. Pode ser susceptível de reactivar o conflito edipiano[14].

Inicia com a entrada directa na expressão (B2 1) e projecção fortíssima, passando a ser ele o herói da história, através do recurso a referências pessoais (C/N 2). Dá continuação a uma história com ressaltos e fabulação longe da imagem (B2 2), escotomização do casal (E1) e

[13] Shentoub, V. e Col. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 65.
[14] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 66.

alteração brusca do curso da história (A2 14) pautada pela expressão de afectos maciços e crus ligados a uma problemática de destruição e morte (E8 e E9).

Problemática:

Neste cartão a narrativa desenvolve-se à volta de uma fantasia pessoal, em que passa a ser o protagonista. O conflito não se desenrola em termos triangulares, mas numa relação dual, com as mulheres (que condensam a imagem materna) e por escotomia da personagem rival paterna. No entanto, o aparecimento da expressão de afectos maciços ligados a uma temática de destruição e morte, dão conta de uma falha no evitamento do conflito edipiano (sugerido pelo conteúdo latente do cartão) perante um cenário, em que surgiria do espaço, algo ou alguém que impediria essa mesma relação incestuosa, uma espécie de interdito superegóico. Terminando com a morte de uma das personagens (a mãe).

Cartão 3 BM – Procedimentos:

O presente cartão representa um sujeito cujos sexo e idades não são explícitos, que está caído junto de uma banqueta. Ao nível da solicitação latente, remete para uma problemática de perda do objecto e coloca a questão da elaboração depressiva[15].

Depois de uma entrada directa na expressão (B2 1), faz uso de referências pessoais (C/N 2) que dão continuidade a uma história com acento nas relações interpessoais com relatos em diálogo (B2 3). Posteriormente faz uma alteração brusca de direcção no curso da história (A2 14), aparecendo temas de medo e catástrofe em contexto dramatizado (B2 13). Termina a narrativa com uma representação de destruição (E9), onde aparece o objecto interno (casa) deteriorado (E6), num contexto de fabulação longe da imagem (B2 2).

Problemática:

Ao ser convidado a posicionar-se perante uma situação de perda do objecto, é confrontado, através dos processos identificativos mobilizados, com uma representação narcísica insuficiente, dependente e frágil. No entanto, apesar da evocação dos afectos depressivos, não existe uma clara representação de perda. Remetendo para uma representação unitária da imagem de si que falha (ter sono) acompanhada de temas de persecutórios e de destruição. Há projecção da agressividade interna para o exterior, que se torna persecutório.

[15] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 68.

Cartão 4 – Procedimentos:

Este cartão representa um casal, uma mulher junto de um homem que se afasta.

Ao nível da solicitação latente, remete para o conflito pulsional (agressividade/libido) na relação entre um casal heterossexual[16].

A história é construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1). Em que o acento é posto nas relações interpessoais (B2 3), com relatos em diálogo, e recurso a expressões "cruas" ligadas a uma temática sexual e/ou agressiva (E8 e E9), num contexto dramatizado (B2 5), pautado pelo apego a pormenores narcísicos com valência relacional (B2 10) e colagem a normas exteriores (C/Fa 4) e defesas maníacas (C/M 1).

Problemática:

Neste cartão, tal como no cartão 2, o sujeito é convidado a situar-se num contexto edipiano. Perante esta evocação a sua narrativa está vinculada a uma fantasia pessoal, em que face à triangulação, com a introdução de um 3º elemento superegóico, o arrastaria para fora de uma relação incestuosa e patológica. No entanto, este factor da realidade é sentido como agressivo, e por isso, é projectado para fora de si, para o possível rival, que aparece aqui como o pai que é o agressor e ele, como o filho que protege a mãe (coisa maníaca).

Cartão 5 – Procedimentos:

Em termos do conteúdo manifesto, podemos ver neste cartão, uma mulher de meia-idade, com a mão na maçaneta da porta e a olhar para o interior de uma sala. Ao nível do conteúdo latente, este cartão reenvia para uma imagem materna que penetra e olha, olhar superegóico, e dá conta das modalidades de relação com essa mesma imagem materna[17].

A história desenrola-se à volta de uma fantasia pessoal (B1 1), com introdução de personagens que não figuram na imagem (B1 2) colocando acento nas relações interpessoais (B2 3) em contexto dramatizado (B2 5) terminando com fim com valor mágico de desejo (B2 7).

Problemática:

[16] Shentoub. V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 69.
[17] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 70.

Neste cartão aparece inicialmente uma imagem materna frágil, que não chega a ser vivenciada como uma instância superegóica. Na medida em que vai ter posteriormente, que introduzir outras personagens que condensam uma instância superegóica.

Cartão 6 BM – Procedimentos:

Este cartão representa um casal, um homem visto de frente, aparentemente preocupado, e uma mulher idosa, que olha para algures. Ao nível da solicitação latente, remete para a proximidade da relação mãe-filho num contexto de mal-estar[18].

A sua narrativa é construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1), com introdução de personagens (B1 2). Há uma fabulação longe da imagem (B2 2) com acento posto nos conflitos intrapessoais (A2 17) edipianos que acarretam a dificuldade de um distanciamento objectal, assistindo-se ainda à erotização das relações (B2 9) que expressa uma proximidade em torno da relação mãe-filho.

Problemática:

Neste cartão, é evocada a fantasia de um 3º elemento que vem manter a distância face a uma relação mãe-filho. No entanto, existe uma incapacidade deste para se interpor face a esta relação incestuosa. O conflito edipiano subjacente, não pode ser elaborado e a relação triangular é vivenciada como uma ameaça e perda do objecto.

Cartão 7 BM – Procedimentos:

Este cartão representa a cabeça de dois homens, um jovem, que está chateado e outro mais velho, lado a lado. Ao nível do conteúdo latente remete para a proximidade pai-filho, num contexto de pouca receptividade da parte do filho[19].

Após uma entrada imediata na expressão (B2 1), a narrativa inicia-se com uma história construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1) que dá conta de uma perseveração (E 10) da temática destrutiva, fazendo uso de expressões cruas ligadas à temática sexual agressiva (E 8) e de afectos ligados a representações maciças (E 9), com percepção do mau objecto (E 14) sentido aqui como persecutório e destrutivo.

[18] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 71.
[19] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 72.

Problemática:

Neste cartão a proximidade pai-filho, faz evocar um cenário de agressividade e destruição. Assiste-se a uma ambivalência que é difícil de elaborar, na medida em que este pai rival é sentido como potencialmente perigoso e destrutivo.

Cartão 8 BM – Procedimentos:

Podemos ver num primeiro plano, um rapaz jovem com uma espingarda ao lado, de costas viradas para outros dois homens, um deles tem nas mãos um objecto cortante, inclinados sobre um terceiro, que está estendido. Em termos de solicitação latente, este cartão reenvia para representações susceptíveis de serem relacionadas com a angústia de castração e/ou agressividade para com a imagem paterna[20].

Após a entrada imediata na expressão (B2 1) a história é construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1), na qual adopta um papel de narrador passivo. Podemos assistir à perseveração (E 10) da temática destrutiva/agressiva com percepção do mau objecto (E 14), fazendo uso de expressões cruas ligadas à temática sexual agressiva (E 8) com relatos em diálogo (B2 3).

Problemática:

Este cartão dá conta de uma desintricação pulsional predominante, a agressividade invade o sujeito com representações maciças e cruas, sobretudo ligadas à temática sexual agressiva, fazendo romper as ligações. Aqui as pulsões destrutivas e de morte tornam inviáveis, mais uma vez, qualquer tipo de vínculo. Podemos pensar num funcionamento pré-genital.

Cartão 10 – Procedimentos:

Ao nível do conteúdo manifesto, este cartão representa a proximidade num casal, do qual só são representados os rostos. O carácter vago do material não deixa clara a diferenciação geracional, nem sexual. Ao nível da solicitação latente, reenvia para a expressão libidinal num casal[21].

Mais uma vez, a história é construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1). A narrativa dá conta da perseveração (E 10) da temática persecutória, destrutiva (E 9). O acento é colocado nas relações interpessoais, com relatos em diálogo (B2 3) e podemos assistir a um sobre

[20] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 73.
[21] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 76.

investimento da função de anáclise do objecto (C/M 17). No entanto, no final assistimos a um fim com valor mágico do desejo (B2 7) que permite a elaboração de um conflito intrapsíquico.

Problemática:

Este cartão, vai desencadear representações libidinais num casal. Há um reconhecimento da ligação sexual entre os dois parceiros, no entanto, a ligação entre a ternura e a sexualidade no casal evocado dão conta de uma completa falta de comunicação. As palavras e o pensamento passam a actos crus e agressivos, são exemplos disso, a perseveração da temática destrutiva e a presença do objecto persecutório, que se repete ao longo do protocolo.

Cartão 11 – Procedimentos:

Este cartão representa uma paisagem caótica, com alguns elementos mais estruturados (ponte, estrada, dragão ou serpente...) e contraste de sombras e de claridade. Ao nível do conteúdo latente, remete para a relação com a mãe natureza, isto é com a mãe mais arcaica, reactiva os conteúdos psíquicos pré-genitais e põe à prova a capacidade do sujeito para elaborar a angústia pré-genital[22].

Após a entrada directa na expressão (B2 1), a narrativa prossegue com uma história construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1), com fabulação longe da imagem e presença de objectos fragmentados (E 6), com temática de catástrofe, vertigem, num contexto dramatizado (B1 3). Mais uma vez, existe perseveração (E 10) de uma temática destrutiva e de morte, que revela uma incapacidade de aproximação a uma mãe mais arcaica. O objecto materno interno é sentido como ameaçador, perigoso, mortífero.

Problemática:

Este cartão põe à prova a capacidade do sujeito elaborar a angústia pré-genital. Este reencontro com o interior da sua mãe, vai desencadear uma representação de mãe fragmentada, angustiante, ameaçadora, pouco continente, acabando por se tornar mortífero esse interior, que não o acolhe.

Cartão 12 BG – Procedimentos:

[22] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 77.

Este cartão, representa uma paisagem com árvores na margem de um rio, com uma árvore e um barco num primeiro plano e vegetação num segundo plano. Ao nível da solicitação latente, remete para a representação das "boas" experiências pré-genitais. Constitui um momento de apaziguamento face ao cartão anterior, e faz parte da tríade dos cartões (3BM; 12 BG; 13 B) que remetem para a capacidade de elaboração depressiva do sujeito[23].

Após uma entrada imediata na expressão (B2 1), inicia uma história à volta de uma fantasia pessoal (B1 1) em que mais uma vez, surgem temas de medo, catástrofe (B1 3) vivenciados por personagens doentes, fragilizadas (E 6). A história termina com a morte (E 9) de ambos os personagens.

Problemática:

A perseveração da temática de destruição e morte tem sido, recorrente ao longo deste protocolo. Surgindo também, neste cartão que tem uma solicitação simbólica que remete para um momento de apaziguamento face aos anteriores.

Apoia-se na parte menos estruturada do cartão, apega-se, por um lado, aos objectos parciais persecutórios, e por outro, a objectos doentes, fragilizados, e com pouco suporte. Como também fragmentada se encontra a sua capacidade para diferenciar o mundo interior do exterior. Revelando uma profunda perturbação da identidade.

Cartão 13B - Procedimentos:

Este cartão representa um jovem rapaz sentado na ombreira de uma porta, na soleira de uma cabana de tábuas separadas. Ao nível da solicitação latente, remete para o sentimento de solidão num contexto de precariedade do simbolismo materno[24].

Depois da entrada imediata na expressão (B2 1) inicia a narrativa com uma história construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1). Perante o sentimento de solidão e capacidade para estar só, reactivado pelo cartão, vai recorrer a mecanismos de defesa como a idealização de si (C/N 10), denegação da falta do outro (A2 11) e anulação do afecto depressivo (A2 9), e a procedimentos maníacos como pirueta-reviravolta (C/M 3), que acentuam, mais uma vez, a necessidade da defesa contra o afecto depressivo reactivado pela dimensão depressiva e abandónica do cartão.

[23] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 78.
[24] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 79.

Problemática:

Este cartão dá conta da dimensão depressiva (tal como os cartões 3BM e 12BG) e da capacidade do sujeito para estar só. Ao suscitar angústias de separação e abandono e de perda do objecto, reactiva mecanismos defensivos maníacos com valor anti-depressivo, que vêm comprovar, mais uma vez a sua dificuldade na elaboração da dor face à ausência de um suporte materno.

Cartão 19 – Procedimentos:

O cartão representa uma paisagem com uma casa sob a neve, ou uma cena marítima com um barco na tempestade. Ao nível da solicitação simbólica, reenvia para a imago materna, reactivando uma problemática pré-genital na evocação de um continente e de um meio que permitam a projecção do bom e do mau objecto[25].

A história desenrola-se à volta de uma fantasia pessoal (B1 1) com fabulação fora da imagem (E 6). Assistimos, mais uma vez, ao recurso da perseveração (E 10) de uma temática agressiva/destrutiva e percepção do mau objecto sentido como persecutório (E 14), bem como presença de objectos fragmentados (E 6). A história termina com um final destrutivo e de morte (E 19).

Problemática:

Este cartão dá conta da sua dificuldade em organizar a separação entre o dentro e o fora, e evocar um continente e um meio que permitam a projecção do bom e mau objecto. Assistimos a um interior intoxicado com objectos fragmentados, fantasmas destrutivos, persecutórios, dispersos, sem nome, e por isso mesmo, difíceis de conter, convertidos em pulsões agressivas de morte e destruição.

Cartão 16 - Procedimentos:

Constitui o último cartão da prova e o menos estruturado, representando um cartão todo branco. O sujeito é convidado a estruturar os seus objectos privilegiados e as relações que com eles estabelece[26].

[25] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P. 80.
[26] Shentoub, V. & Coll. (1999). Manual de Utilização do TAT. Climepsi Editores. P.81.

Inicialmente faz uma crítica ao material (C/C3) que dá conta do impacto provocado pelo cartão. Dá início a uma narrativa com uma história com ressaltos (B2 2) onde surgem temas de medo, catástrofe (B2 13) que traduzem sentimentos de perda e abandono objectal, que ao serem evocadas mobilizam a defesa maníaca contra a depressão. Finaliza a história com fim com valor de realização mágica do desejo (B2 7).

Problemática:

Ao privilegiar a representação dos seus objectos internos e às relações que com eles estabelece, podemos pensar que o seu interior é habitado por um lado, por desejos e pulsões destrutivas e de morte, mas por outro lado, por uma esperança exterior, messiânica que o mobiliza para a vida, permitindo-lhe ainda que de uma forma frouxa, ligar-se à vida, às pessoas, com afecto.

23ª Sessão – 24 de Abril 2008

P – " Tenho estado à tua espera...parece que tem sido difícil para ti vires aqui à consulta..."

L – " Sim...a minha mãe não me tem dado dinheiro para o passe..."

P – " Estava a pensar, que também deve ser difícil para ti vires cá falar de coisas que te fazem sofrer e que preferes não pensar..."

L – " Ah!...o meu pai também está doente. Eu gostava que a minha mãe voltasse para o meu pai...mas ela não quer...e eu até compreendo..."

P – " Sabes, estava aqui a ouvir-te e lembrei-me que se calhar aqui por vezes também, sentes que eu não te oiço, que não te compreendo...e que por isso não te posso ajudar..."

L – " Ah! Não...eu sei que a Dr.ª Mónica me ajuda muito..."

P – “ Sentes que sei ouvir a tua tristeza, o teu sofrimento...”

L – “ Sim...mas agora estou mais contente. Faço anos para a semana (1 de Maio), e até já disse à minha mãe que ia convidar a Dr.ª Mónica. Está convidada para a minha festa de anos...”

P – “ Fico contente, e agradeço o convite. Mas não vou poder ir, mas concerteza que não me vou esquecer de ti...”

25ª Sessão – 8 de Maio 2008

Entra na sala com um olhar muito triste...

P – “ Pareces-me triste...”

L – “ Ah! Não... (sorri...)...na quinta-feira passada...”

P – “ No teu dia de anos...”

L – “ Sim...forma os meus anos, mas não tive bolo, ninguém comprou...”

P – “ Parece que ficaste decepcionado...”

L – “ Ah! A minha mãe ainda não tinha recebido, mas no sábado fiz a festa, a minha irmã levou um bolo...mas foi pouca gente, ninguém se lembrou...os meus tios nem me deram os parabéns, o meu pai só me ligou à noite e disse-me que já não se lembrava...mas eu sei que ele se lembrava...mas ele é assim...”

P – “ Eu lembrei-me...até fui convidada...

Parece que ficaste triste...Olha tive uma ideia...vou pedir-te que me digas o que sentiste...”

26ª Sessão – 15 de Maio 2008

Vou chamar o L. à sala de espera. Quando me vê acena para que eu o consiga ver. Chamo-o e dirigimo-nos os dois para o gabinete.

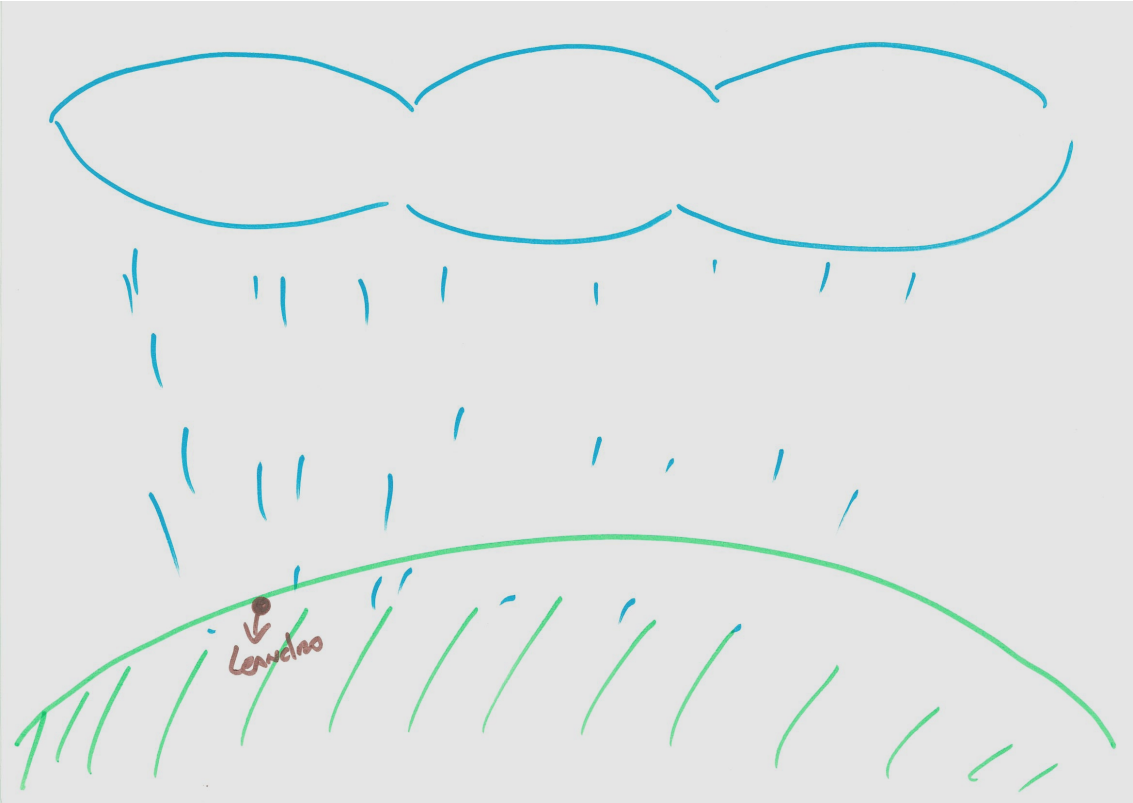
L – “ Hoje venho com o meu amigo...”

P – “ Ai! Sim?...”

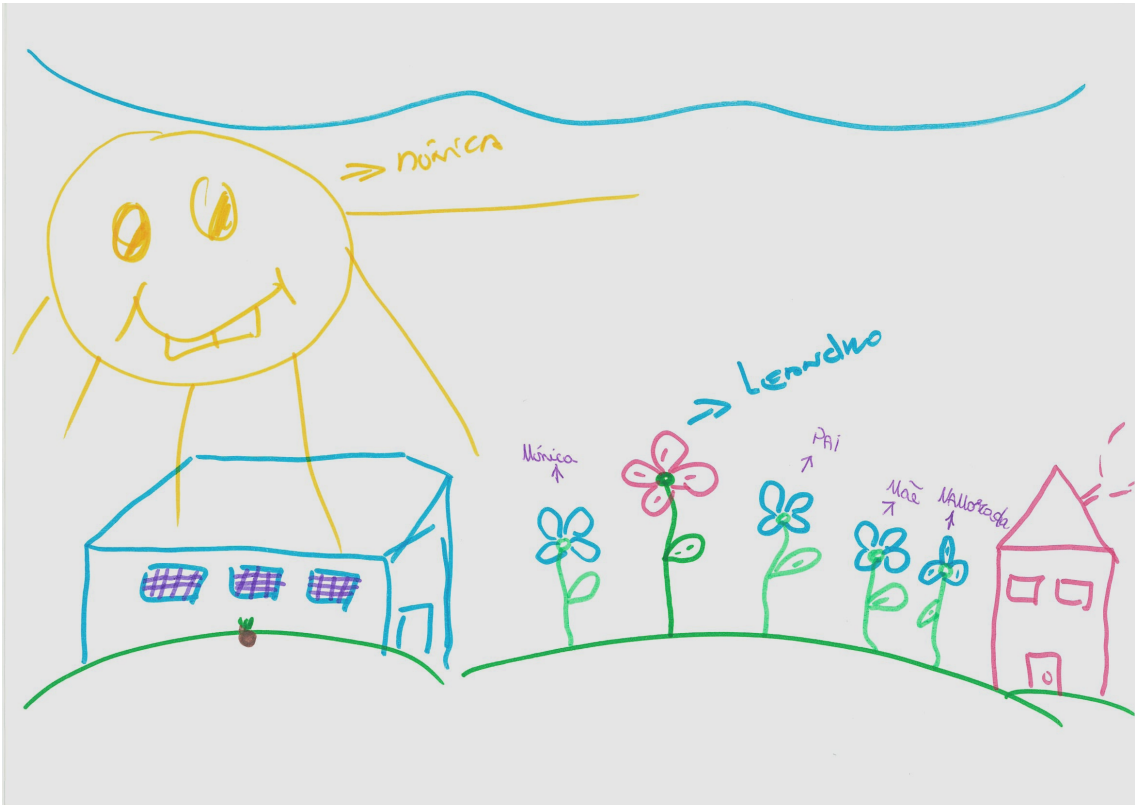
L – “ Sim, estava a chover e ele emprestou-me a sombrinha e depois viemos os dois...hoje estou mais animado (sorri), a chuva deu-me animo...”

P – “ Estou a ver que sim...a chuva também serve para alimentar as sementinhas para crescerem fortes e se tornarem plantas fortes e poder crescer um bonito jardim, num terreno que antes era árido e muito vazio...

Desenho do Jardim Vazio – ANEXO 25



Desenho do Jardim Plantado – ANEXO 26



Este podia ser o L., este o outro amigo, este...um outro...uma casa, a escola...o jardim do L."

L – " Sim, este podia ser o L. E ele ia à escola, depois ia à consulta com a psicóloga. Ele convida a psicóloga para jantar em sua casa e tinha uma comida muito boa...bacalhau à Brás..."

P – " Parece muito contente o L. E com vontade de partilhar as coisas boas que tem conquistado..."

L – " Depois do jantar, o L. Ia levar a psicóloga à paragem de autocarro..."

P – " Era um cavalheiro, protege a psicóloga..."

L – " Sim...Depois foi ter com a namorada e saíram os dois, foram à discoteca, depois ele levou-a a casa...No outro dia foi à escola e depois veio almoçar para casa, mas a mãe não estava...tinha ido ao café...para variar!..passa lá o dia...e ele, rua também...

Depois, voltou a casa, jantou e dormiu. No outro dia, foi à escola e semeou uma plantinha. Depois foi para casa, mas como a mãe não estava em casa, estava no café...estava a falar com o amigo...o L. agarrou e rua também. Foi a casa de um amigo jogar playstation e à noite foi jantar em casa. Depois apareceu a irmã, e ofereceu-lhe as bombas para a asma. Ele ficou muito contente e depois foi ver a novela preferida, "deixa-me amar..."".

P – " Parece que acima de tudo, é isso que desejas,...amar, ser amado...ser importante para alguém, não ser esquecido...estava aqui a pensar, que começas a sentir, que aqui tens um lugar só teu, que és especial, importante..."

L – “ (Sorri...)...Hoje atrasei-me, e estava com medo que já não tivesse aqui...mas depois, pensei...não, ela está lá...”

P – “ Pois, estou...este é o teu espaço, o teu tempo...E eu estou aqui mesmo quando te é difícil o confronto com partes tuas que não gostas e que não queres ver...”

L – “ Eu agora já não vou faltar mais...”

Falei com a directora de turma do L. que confirmou que o L. não tem faltado às aulas, e que em princípio vai transitar de ano.

30ª Sessão – 30 de Junho 2008

Aplicação da prova do desenho (2ª aplicação)

Prova do Desenho - (2ª Aplicação)

Não quis fazer o desenho livre.

Desenho da Família Real (2ª aplicação) – Anexo 28

<u>História do Desenho da Família Real:</u>

“ Somos nós todos. Íamos passear. Eu e as minhas irmãs estávamos a brincar, a rir e a contar piadas...fomos ao Centro Colombo com os meus pais. As minhas irmãs e a minha mãe

tinham ido comprar e ver roupa...que elas gostam muito de lojas de roupa...e eu e o meu pai fomos comprar brincos, piercings. Depois fomos à praia, e a minha mãe falou com o meu pai e disse-lhe para ele, agora não estragar tudo...Entretanto nós tínhamos ido à água, e quando voltamos molhamos os meus pais. Depois fomos comer, lanchámos e depois mais à tardinha, fomos outra vez para casa e jantámos. E depois fomos dormir. E no dia seguinte fizemos a mesma coisa."

Desenho da Família Imaginária (2ª Aplicação) – Anexo 29

<u>História do Desenho da Família Imaginária:</u>

" Eu e o meu irmão fomos para a rua jogar à bola...o meu pai e a minha mãe estavam em casa. Quando eu e o meu irmão chegamos a casa fomos tomar banho, porque estávamos muito sujos...depois chegaram as minhas irmãs, e o meu pai foi à rua comprar tabaco. Quando ele voltou a minha mãe disse-lhe: " hoje vamos ao cinema". E fomos todos ao cinema, menos as minhas irmãs. Quando chegamos a casa já as minhas irmãs estavam a dormir. Fomos também dormir, menos eu e o meu irmão. Nós fomos brincar com o fogo. Eu digo para o meu irmão ter cuidado, porque ele já estava a pegar fogo a uma coisa, e eu vou buscar um balde com água e conseguimos apagar o fogo a tempo. Mas os meus pais

descobriram e puseram-nos de castigo. No outro dia, pedimos desculpas, e depois fomos todos para a praia...”

31ª Sessão – 10 de Julho 2008

Aplicação do TAT (2ª Aplicação)

Protocolo TAT (2ª Aplicação)

Cartão 1

“ 3”

“ Ele está na escola e ia haver uma festa de violinos...era um passeio. Mas ele, portou-se mal e levou uma falta disciplinar, mas como tinha mais duas faltas ficou com três faltas e a directora de turma disse-lhe que ele não ia ao passeio e ele ficou triste.”

Cartão 2

“4”

“Era uma menina estudante que se portou muito bem na aula. Mas a mãe era má e o pai também. E ela tinha passado de ano, mas os pais obrigaram-na a trabalhar durante as férias. Ela ficou triste, porque queria ir à praia. A mãe descobriu que ela foi para a praia e deu-lhe uma porrada e ela ficou muito triste e zangada porque os pais lhe estragaram as férias todas.”

Cartão 3 BM

“6”

“ Estão todos curiosos para saber se esta menina ia passar de ano. Ela pensava que ía passar de ano e quando finalmente chegou o dia de saber as notas descobre que afinal chumbou o ano. E quando chega a casa e conta à mãe, a mãe obrigou-a a estudar e ficou presa em casa, sem sair...ela ficou muito triste e a chorar. E foram assim as férias dela.”

Cartão 4

“ 4”

“ Estes tinham ido comer a um restaurante. Comeram, dançaram e depois foram para casa. Esta senhora gostava deste senhor, mas ele não gostava dela. A senhora disse-lhe que o amava e ele disse-lhe que não a amava. Mas ela trancou a porta do quarto à chave e tentou beija-lo à força. Mas ele, tinha uma arma, porque ele era assaltante, e disse-lhe para ela estar quieta ou ele a matava. Ela não acreditava e disse-lhe: “Não acredito, não és capaz...”. Mas ele agarrou na arma e matou-a. E depois assaltou-lhe a casa e foi-se embora todo contente. Coitada da senhora...”

Cartão 5

“ 3 “

“A mãe tinha ido às compras e o filho tinha ficado sozinho em casa, e era de noite. Havia um ladrão, que esperou que a mãe do miúdo saísse e assaltou-lhe a casa. E disse-lhe: “ Se chamares a policia eu mato-te.” . O miúdo tentou ligar à policia e à mãe, e o ladrão deu-lhe um tiro na cabeça. A mãe quando chegou a casa vê o miúdo morto no chão (...) Por isso é que não se deve abrir a porta a desconhecidos.”

Cartão 6 BM

“ 3”

“ O filho ia sair de casa, ia casar com uma mulher que a mãe não gostava. O filho foi ter com a mãe e a mãe disse-lhe que a mulher o ia trair. O filho não ligou e a mãe começou a chorar. A mulher traiu-o e no outro dia já estava a namorar com outro. Ele foi a casa da mãe e disse-lhe que ela tinha razão. Depois, foi ter com o namorado da mulher e deu-lhe um tiro. E foi preso, e a mãe ainda ficou mais triste.”

Cartão 7 BM

“4”

“ O pai e o filho queriam assaltar um banco. O pai disse ao filho: “ Vamos montar uma estratégia.”. Não se lembraram que as notas saiam sem tinta, disseram algumas asneiras e foram para casa. O senhor do banco chamou a policia que conseguiu apanhar o filho. O filho disse que não tinha sido ele, mas as câmaras de vigilância tinham conseguido filmar tudo e no filme perceberam que eram dois assaltantes. Perguntaram-lhe pelo seu amigo, e ele disse-lhes que não era amigo, era o pai dele. O policia apanhou-os aos dois, foram a tribunal e foram condenados. O pai tenta matar o juiz, e no meio da confusão conseguem fugir. Mas depois são apanhados novamente pela policia e levados para a prisão.”

Cartão 8 BM

“5”

“ Era um miúdo, e a mãe estava grávida. A mãe estava grávida deste (aponta com a mão) senhor. Foram ao hospital, para ter o bebé. O pai do bebé não queria este filho. O miúdo e o doutor ficaram com a mãe. Entretanto, o pai deste bebé e o outro enfermeiro sufocaram o bebé e foram ter com o miúdo para o matar. Depois, foram ter com a mulher e e disse-lhe: “ Eu sou o teu marido, como eu não te quero, vou matar-te”. E depois matou-a.”

Cartão 10

“ 3 “

“ Isto eram uns assaltantes. Estava um casal, a mulher e o marido a dormir e apareceram uns assaltantes e raptaram a mulher que ficou num alçapão de um barco. Pediram um resgate ao marido. O marido deu-lhes o dinheiro, mas levava também a policia com ele. Quando lhes deu o dinheiro, estes não lhe deram a mulher, e um dos policias deu-lhe um tiro. Os homens começaram a disparar e o marido protegeu-a do outro homem que a queria violar. Os assaltantes foram presos e o casal viveu feliz para sempre.”

Cartão 11

“ 4”

“ Eram três pessoas. Tinha havido um terramoto e estes vieram não sei de onde. Apareceu um dragão que lhes mandava fogo. Começaram a correr e esconderam-se atrás de uma pedra gigante. Houve um outro terramoto e aparece outro dragão. O segundo dragão começa a atacá-los, mas eles tentam despistá-lo e conseguem fazer com que este dragão dispare fogo sobre o outro. Os dois dragões começaram a lutar e as pessoas conseguem fugir.”

Cartão 12 BG

“ 5 “

“ Eram quatro senhores que iam passear no rio. Mas havia um placar que dizia que o rio era perigoso por causa dos crocodilos. Foram para um barco e um deles é apanhado por um crocodilo. Os outros tentam fugir e vão para a mata. Na mata haviam anacondas que picam o outro senhor. Este senhor morre e os outros dois continuam a fugir. De repente, aparece um leão. E um deles, é atacado pelo leão mas o outro tenta escapar e quando está a fugir do leão cai numa cascata, mas consegue sobreviver por pouco.”

Cartão 13 B

“ 3”

“ Era um menino que estava com os pais. Era de noite, e apareceram uns extraterrestres que vieram à terra matar pessoas. O miúdo começou a fugir e conseguiu esconder-se. Mataram-lhe os pais. O miúdo estava abandonado, triste e sozinho e depois, apareceu o primo que era mais forte do que ele que lhe disse para ele não ter medo, que os extraterrestres não existem. Mas os extraterrestres viram-no e mataram-no. E o miúdo disse para si próprio: “ estou aqui tão sozinho...”.”

Cartão 19

“ 4”

“ Eram três senhores, (dois senhores e uma senhora) que estavam num barco. A senhora queria dar um mergulho, Mas haviam tubarões. O senhor tenta salvá-la mas o tubarão arranca-lhe as pernas e mata a senhora. Mais à frente, são atacados por piranhas, e os senhores como não sabiam o que fazer mergulharam e depois, aparecem dois golfinhos que os levam até terra e eles sobrevivem.”

Cartão 16

“ 8”

“ Este é complicado!..Já Sei!..Era uma família, toda branca. Roupa branca, tudo branco. Mas haviam algumas pessoas, que eram como nós, com cor de pele. A família branca, queria ter cor, e resolveram pintarem-se. Mas como estava calor a tinta derreteu. Pintaram-se novamente, mas foram para o mar e a água tirou-lhes a tinta do corpo. Não havia solução, a tinta acabava sempre por sair. Entretanto aparece um senhor, que lhes diz: “ Vocês podem ser de outra cor, mas são iguais a nós.”

Cartão que gostou mais: 10 porque no final ficam juntos.
Cartão que gostou menos: 4 porque morrem no final.

Análise do Protocolo TAT – (2ª Aplicação)

Cartão 1 – Procedimentos:

A sua narrativa, inicia com uma história com ressaltos e fabulação longe do cartão (B2 2), com acento inscrito no conflito intrapessoal (A 17). Ao longo da narrativa, podemos encontrar representações contrastadas, bem como, alternância dos estados emocionais (B2 6) que dão conta de uma incapacidade para aceitar a sua imaturidade funcional face a um objecto adulto, que deseja, mas que lhe é interdito.

Problemática:

Perante o confronto, com uma situação de imaturidade funcional face a um objecto adulto que deseja, coloca no exterior, a possibilidade de o alcançar. Assistimos, a um evitamento da angústia de castração e ao deslocamento de uma imaturidade funcional (que não chega a reconhecer) para o exterior, para uma instância superegóica (através de elementos de tipo formação reactiva (A2 10)) que o impede de conquistar aquilo que deseja, e não uma incapacidade funcional sua, para o conquistar.

Cartão 2 – Procedimentos:

O recurso a elementos de tipo formação reactiva (A2 10), precedido de uma fabulação longe do cartão (B2 2) e percepção do mau objecto (E 14) dão conta, por um lado; da clivagem do casal parental tido como "mau" objecto, e por outro lado; de uma pseudo-triangulação estabelecida através da clivagem, e não por diferenciação entre os sexos. Termina a história fazendo uso da expressão verbalizada de afectos (B2 4).

Problemática:

O casal parental, é tido como uma espécie de entidade única, clivada, um objecto mau, persecutório e por isso mesmo, difícil de internalizar e identificar. Neste cartão o conflito não se desenrola à volta da triangulação, mas à volta de uma relação dual, sustentada pela clivagem, em que a rapariga está numa situação de dependência, relativamente ao casal parental. Há um evitamento do conflito edipiano.

Cartão 3 BM – Procedimentos:

Após a entrada directa na expressão (B2 1), inicia uma história com fabulação longe do cartão (B2 2) e com ressaltos, na qual aparece mais uma vez, perseveração (E 10) e percepção do mau objecto (E 14) – figura materna clivada. Termina a história, com a expressão verbalizada de afectos depressivos (B2 4).

Problemática:

Podemos assistir, à problemática da perda de objecto e elaboração da posição depressiva, uma vez que os afectos depressivos são reconhecidos e associados a um a representação de perda de objecto. No entanto, esta perda do objecto está mais relacionada com uma desidialização, uma clivagem de um objecto materno que desilude e frustra.

Cartão 4 – Procedimentos:

Após a entrada directa na expressão (B2 1), inicia a história com acento inscrito nas relações interpessoais, relatos em diálogo (B2 3) e erotização das relações (B2 9) com expressão verbalizada dos afectos fortes e exagerados (B2 4). Posteriormente faz uma alteração brusca de direcção do curso da história (A2 14) com expressões "cruas" ligadas a uma temática agressiva (E8 e E9). Termina a narrativa com uma apreciação pessoal (B2 8).

Problemática:

Neste cartão, podemos assistir ao conflito pulsional no seio de uma relação heterossexual. O duplo movimento pulsional (agressividade/libido) é esperado, tal como a ambivalência na relação. No entanto, esta ambivalência pulsional que o desorganiza é levada ao extremo. Terminando com a morte de uma das personagens. Podemos também pensar na identificação a um masculino que incapaz de viver com esta ambivalência pulsional e afectiva, necessita de destruir, matar, para conseguir sobreviver a esta carga emocional e pulsional.

Cartão 5 – Procedimentos:

A história inicia com uma fabulação longe da imagem e com ressaltos (B2 2), associada a uma temática de morte e destruição (E 9), com expressões "cruas" (E 8), num contexto dramatizado (B2 13). Termina a história, com uma critica à situação (C/C 3) que de certa forma, o tranquiliza contendo a sua carga pulsional destrutiva.

Problemática:

O confronto com uma imagem materna abandónica, e a ausência de interiorização de um superego, remete para uma imago materna pouco continente. Que o deixa entregue à carga pulsional/agressiva, interditos de desejos e culpabilidade.

Cartão 6 BM – Procedimentos:

Inicia a sua narrativa com uma história com ressaltos (B2 2), em que o acento está inscrito nas relações interpessoais (B2 3) sobretudo na relação dual mãe-filho. Assistimos, à presença da temática sexual (B2 9) e erotização das relações com expressão verbalizada de afectos fortes (B2 4) e representações maciças, ligadas a uma problemática sexual/agressiva (E9). Finaliza o seu relato, com o recurso a procedimentos que fazem apelo a normas exteriores (C/Fa 4) e formação reactiva (A2 10).

Problemática:

A aproximação mãe-filho num contexto conflitual (em que o filho procura afastar-se da mãe, trocando-a por outra mulher), remetem para um contexto edipiano. Sobretudo, quando aparecem afectos como a tristeza. No entanto, este desejo de separação da mãe, vincula uma descarga pulsional, nomeadamente através da evocação da temática de destruição/morte que o desorganiza num primeiro momento. Embora consiga posteriormente, encontrar no seu interior mecanismos de formação reactiva, que o ajudam a conter e reparar esta mesma carga pulsional.

Cartão 7 BM – Procedimentos:

Após a entrada directa na expressão (B2 1), a história prossegue com ressaltos (B2 2) com acento inscrito nas relações interpessoais e relatos em diálogo (B2 3), que servem de palco para uma temática agressiva/destrutiva (E 9). A aproximação da relação pai-filho, é sentida como perigosa, surgindo um vai e vem entre a expressão pulsional e a defesa (A2 7). O fim do seu relato, é marcado com recurso a mecanismos de tipo formação reactiva (A2 10) e apelo a normas exteriores (C/Fa 4), que dão conta de um movimento e desejo de reparação.

Problemática:

A proximidade pai-filho remete para uma tentativa de identificação e internalização de um objecto pouco continente, ameaçador, que desencadeia fantasmas destrutivos.

Cartão 8 BM – Procedimentos:

A narrativa, centra-se em torno de uma história sobre uma fantasia pessoal (B1 1) com ressaltos e fabulação longe da imagem (B2 1), e introdução de personagens que não figuram na imagem (B1 2). A temática agressiva/destrutiva, é mais uma vez evocada, aparecem expressões cruas (E8 e E9) com percepção do mau objecto (E 14), que destrói, que mata, num contexto dramatizado (B2 3).

Problemática:

Este cartão, provoca uma relativa desorganização ao evocar o conflito edipiano e representações susceptíveis de serem relacionadas com a angústia de castração/agressividade para com a imagem paterna. A carga pulsional é predominante e as ligações são rompidas, através de representações maciças e cruas. Que nos fazem pensar, num sistema de funcionamento pré-genital. O desejo parricida é deslocado para a mãe, que morre com o filho dentro.

Cartão 10 – Procedimentos:

Inicia o seu relato, com a entrada imediata na expressão (B2 1), constrói uma história com ressaltos e fabulação longe da imagem (B2 2), à volta de uma fantasia pessoal (B1 1) na qual, surgem personagens que não figuram na imagem (B1 2). Há uma perseveração (E10) da temática agressiva/sexual (E8 e E9). No entanto, neste cartão, o conflito fica resolvido depois do vai e vem entre desejos contraditórios (B2 7), terminando com fim com valor mágico do desejo (B2 7).

Problemática:

Apesar de assistirmos a uma saturação da carga pulsional agressiva, perante a proximidade libidinal do casal, posteriormente, vai ser capaz de projectar para o exterior essa carga pulsional e de encontrar uma imagem masculina/paterna protectora (ao contrário do que acontece no cartão anterior), ainda que, de forma mágica.

Cartão 11 – Procedimentos:

Inicia o seu relato, com a construção de uma história com ressaltos (B2 1) temas de medo e catástrofe (B2 13 e B2 12). No entanto, vai ser capaz de suportar a ambivalência dos desejos contraditórios (destruir/proteger) e termina, com fim com valor de realização mágica de desejo (B2 7).

Problemática:

Neste cartão, vai ser capaz de representar a angústia pré-genital evocada através da solicitação latente do cartão, ainda que de forma pouco consistente. Reconhecendo um interior materno que embora contenha maus objectos persecutórios, também contém outros objectos que o podem proteger.

Cartão 12 BM – Procedimentos:

Inicialmente, constrói uma história com ressaltos (B2 2), e temática de medo e catástrofe (B2 13 e E9) em que aparecem objectos fragmentados (E 6) e temas de perseguição (E 14 e E 10). Termina a sua narrativa, com fim com valor de realização mágica do desejo (B2 7).

Problemática:

Num primeiro momento, a carga pulsional agressiva, bem como a fantasmática são predominantes. De tal forma, que o invadem brutalmente. Ainda assim, consegue sobreviver à presença dos maus objectos que vai encontrando no interior materno, porque começa a encontrar no seu interior outros que o protegem.

Cartão 13 B - Procedimentos:

Constrói uma história com ressaltos (B2 2) à volta de uma temática de morte e destruição (E 9 e E 8), que tem sido frequente ao longo deste protocolo (E 10), bem como a presença do mau objecto e temas de perseguição (E 14) que danificam os seus objectos internos (E 6). No entanto, surgem repentinamente novas personagens (A2 14 e B1 2), mais fortes que o protegem. Mas que ainda assim, não são suficientes para fazer face aos seus fantasmas (E 9 e B 14) e desejos destrutivos.

Problemática:

Mais uma vez, face à aproximação de uma imagem materna mais arcaica, é levado a projectar uma imagem materna enfraquecida, deteriorada. Embora, surja uma tentativa de reparação, parece não ter sido suficiente, perante a fantasmática persecutória e destrutiva.

Cartão 19 – Procedimentos:

A história é marcada por ressaltos (B2 2) e temática agressiva e persecutória (E9 e E14 e E8). Encontramos também neste cartão a presença de objectos fragmentados (E 6). No entanto, perante um vai e vem entre o desejo e a defesa (A2 7) surge bruscamente (A2 14)

um bom elemento, simbolizado pelos golfinhos que permite a sua sobrevivência interna (B2 7).

Problemática:

Assistimos, mais uma vez, à presença de uma imago materna persecutória, contendo maus objectos, objectos que destroem, que matam. Embora, comece a ser também recorrente a presença de bons objectos (ainda que pouco firmes) lhe permitam a sua sobrevivência nesse interior.

Cartão 16 – Procedimentos:

Inicialmente, faz uma crítica ao material (C/C 3). Posteriormente, constrói uma história à volta de uma fantasia pessoal (B1 1), com insistência no fictício (A2 12), em contexto dramatizado (B2 3 e B2 5). Termina o seu relato, com a introdução de um personagem que aparece magicamente e o ajuda a dar um outro significado ao seu interior, que o ajuda a pensar quem é (B2 7).

Problemática:

Apesar do vazio interno que sente, verbalizado através da solicitação simbólica à cor branca, poderá encontrar no seu interior bons objectos, que o protegem, aceitam, e vêm-no com uma identidade própria, em quem pode confiar e o ajudam no percurso rumo à descoberta da sua identidade. Dando sentido ao disperso, juntando os fragmentos sentidos como persecutórios.